

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS
GERAIS – IFMG – CAMPUS SÃO JOÃO EVANGELISTA.

Curso de Licenciatura em Matemática

Diana Ferreira Rocha Costa

Kamila Costa Santos

Margarida Vitória Costa Silva

**INTRODUÇÃO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA
MATEMÁTICA DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

São João Evangelista

2013

Diana Ferreira Rocha Costa
Kamila Costa Santos
Margarida Vitória Costa Silva

**INTRODUÇÃO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA
MATEMÁTICA DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Matemática do Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia de Minas
Gerais – IFMG – Campus São João
Evangelista, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Matemática.

Orientadora: Profa. Me. Jossara Bazílio de
Souza Bicalho.

São João Evangelista

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pelo Serviço Técnico da Biblioteca do
Instituto Federal Minas Gerais – Campus São João Evangelista

C837i COSTA, Diana Ferreira Rocha , 1979-

Introdução da educação financeira na matemática do 7º ano do ensino fundamental./ Diana Ferreira Rocha Costa; Kamila Costa Santos; Margarida Vitória Costa Silva. São João Evangelista, MG: IFMG - Campus São João Evangelista, 2013.
67 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (graduação) apresentado ao Instituto Federal Minas Gerais – Campus São João Evangelista – IFMG, Curso de Licenciatura em Matemática, 2013.

Orientador: Prof. Ma. Jossara Bazílio de Souza Bicalho

1. Educação Financeira. 2. Matemática. 3. Ensino Fundamental.
I. Instituto Federal Minas Gerais – Campus São João Evangelista. Curso de Licenciatura em Matemática. II. Título.

CDD 517

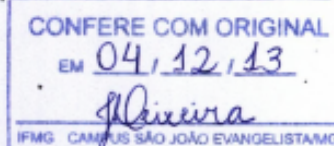
Diana Ferreira Rocha
Kamila Costa Santos
Margarida Vitória Costa Silva

**Introdução da Educação Financeira na Matemática do 7º ano do
Ensino Fundamental**

Trabalho de conclusão de curso
apresentada como exigência parcial
para obtenção do título de **Licenciado**
(a)(s) em Matemática à Banca
Examinadora do Instituto Federal de
Minas Gerais - *Campus* São João
Evangelista.

Aprovada em 04 / 11 / 2013

BANCA EXAMINADORA



Jossara Bazílio de Souza Bicalho
Profª. Ma. Jossara Bazílio de Souza Bicalho
Instituição: IFMG – *Campus* São João Evangelista

José Fernandes da Silva
Prof. Me. José Fernandes da Silva
Instituição: IFMG – *Campus* São João Evangelista

Sandro Salles Gonçalves
Prof. Esp. Sandro Salles Gonçalves
Instituição: IFMG – *Campus* São João Evangelista

A glória e o triunfo desta vitória,
dedicamos aos nossos familiares
pelo apoio e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus por mais esta conquista em nossas vidas, pois tudo que somos e conquistamos devemos a Ele, nosso Senhor e Pastor que nos fortaleceu a cada dia de dificuldade.

Em especial, aos nossos pais, irmãos e demais familiares que nos ampararam, fortalecendo-nos com suas palavras de incentivo nos momentos de desânimo.

Agradecemos à nossa orientadora Jossara Bicalho pelas horas dedicadas ao nosso trabalho, pela paciência e apoio nas horas difíceis, pelas conversas que em alguns momentos geraram dúvidas, mas que serviram para nosso crescimento pessoal e profissional.

Aos nossos professores e funcionários que nos acompanharam durante essa trajetória, contribuindo para o nosso crescimento e desenvolvimento. Em especial à Teresinha (Tê) que vivenciou nossas frustrações, emoções e alegrias.

“Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar”. (FREIRE, 2005, p. 213).

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso descreve o desenvolvimento de uma pesquisa realizada na Escola Municipal “Antônio Medina Cardoso” da zona rural do município de São João Evangelista (MG), com uma turma de alunos do 7º ano do ensino fundamental. A experiência teve como principal objetivo a introdução da Educação Financeira no processo de ensino e aprendizagem de Matemática. Ocorreu por meio de uma discussão sobre a relevância do tema, sob a perspectiva de uma abordagem de educação para o consumo, e de uma aplicação de um produto educacional elaborado pelas autoras. A metodologia dessa pesquisa, de caráter qualitativo, foi fundamentada no modelo de Thomas A. Romberg. As estratégias utilizadas para coleta de dados foram baseadas em averiguações de livros didáticos, proposta pedagógica da escola, entrevista e questionários com o intuito de investigar sobre qual a contribuição da educação financeira para a tomada de decisões dos alunos. Através da avaliação, solicitada aos participantes da pesquisa, sobre o trabalho desenvolvido, percebe-se que o mesmo poderá contribuir para ampliar a compreensão e propiciar a aquisição de novos conhecimentos sobre algo importante que nem sempre é tratado na sala de aula.

Palavras-chave: Educação Financeira. Ensino de Matemática. Ensino Fundamental.

RESUMEN

Esta finalización del curso Trabajo describe el desarrollo de un estudio realizado en la Escuela Municipal "Antonio Medina Cardoso" el municipio rural de São João Evangelista (MG), con un grupo de estudiantes desde el nivel de grado séptimo. El experimento tuvo como objetivo la introducción de la educación financiera en la enseñanza y el aprendizaje de la matemática, se produjo a través de una discusión de la relevancia del tema, desde la perspectiva de un enfoque de la educación de los consumidores y la aplicación de un producto educativo desarrollado por los autores. La metodología de esta investigación, cualitativa, se basó en el modelo de Thomas A. Romberg. Las estrategias utilizadas para la recolección de los datos se basó en el análisis de los libros de texto, la escuela pedagógica, entrevista y cuestionarios con el fin de investigar la contribución de la educación para hacer de los estudiantes de decisión financiera. A través de la evaluación, pidió a los empleados sobre su trabajo, es evidente que puede contribuir a mejorar la comprensión y facilitar la adquisición de nuevos conocimientos acerca de algo importante que no siempre se aborda en el aula.

Palabras clave: Educación Financiera. Enseñanza de las Matemáticas. Educación Primaria.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Modelo de Romberg para o processo de pesquisa	25
FIGURA 2 – Modelo preliminar	30
FIGURA 3 – Modelo preliminar modificado	30
FIGURA 4 – <i>Tablet</i>	41
FIGURA 5 – Aluno A	42
FIGURA 6 – Aluno B	43
FIGURA 7 – Aluno C	43
FIGURA 8 – Aluno D	43
FIGURA 9 – Aluno E	44
FIGURA 10 – Aluno F	44
FIGURA 11 – Aluno G	48
FIGURA 12 – Aluno H	48
FIGURA 13 – Aluno I	48
FIGURA 14 – Aluno J	48
FIGURA 15 – Aluno K	49
FIGURA 16 – Aluno L	49
FIGURA 17 – Aluno M	49

LISTA DE TABELA

TABELA 1 – Projetos pedagógicos desenvolvidos pela Escola Municipal Antônio Medina Cardoso	34
--	----

LISTA DE SIGLAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

ENEF – Estratégia Nacional de Educação Financeira.

IFMG – Instituto Federal de Minas Gerais.

OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

OECD – Organisation for Economic Co-operation and Development.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais.

SERASA – Centralização de Serviços de Bancos S. A.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. EMBASAMENTO TEÓRICO.....	15
2.1. Educação Financeira.....	15
2.1.1. <i>Educação Financeira: documentos legais</i>	17
2.1.2. <i>A educação financeira na escola</i>	21
2.2. Metodologia da pesquisa.....	24
2.2.1. <i>A metodologia de Romberg</i>	25
2.3. Caracterização da pesquisa.....	27
2.3.1. <i>Procedimentos metodológicos</i>	28
2.3.2. <i>Local de realização da pesquisa</i>	28
2.3.3. <i>Os participantes</i>	29
2.4. Executando a proposta de trabalho.....	29
2.5. Aplicação das atividades.....	39
2.5.1. <i>Avaliação</i>	47
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICE A – Roteiro para entrevista com a professora.....	55
APÊNDICE B – Questionário aos alunos.....	56
APÊNDICE C – Material de apoio: primeira atividade.....	57
APÊNDICE D – Material de apoio: segunda atividade.....	63
APÊNDICE E – Fotos da aplicação.....	64
ANEXO A – Termo de Autorização e Compromisso.....	66
ANEXO B – Dicas do Guia SERASA de Orientação ao Cidadão.....	67

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema principal a educação financeira e sua inserção nas aulas de Matemática do 7º ano do ensino fundamental, destacando a sua importância para a vida pessoal e profissional dos estudantes e orientando-os sobre o consumo consciente.

Constantemente observamos que o mercado oferece algumas facilidades aos consumidores, tais como: parcelamentos de compras sem entrada e divididas em diversas prestações, direcionando as pessoas ao consumo. Essas facilidades fazem com que muitas pessoas levem em consideração o não pagamento no ato da compra e acabam perdendo o controle, tendo como consequência o endividamento. Dessa forma, pretende-se desenvolver uma reflexão acerca das decisões a serem tomadas, sobre o quanto elas são importantes e necessárias naquele momento. Como defende Silva citado por Campos:

(...) o que concebemos para este novo tema, vai muito além dessa perspectiva tradicional, pois queremos educar financeiramente nossos alunos, como parte de uma educação matemática, concebida como uma educação pela matemática e não uma educação para a matemática. (SILVA apud CAMPOS, 2012, p. 71).

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), apresenta a importância da Educação Financeira definida como um processo educativo: “Educação Financeira sempre foi importante aos consumidores, para auxiliá-los a orçar e gerir a sua renda, a poupar e investir, e a evitar que se tornem vítimas de fraudes.” (OCDE, 2004, p. 223). Diante disso, surge o problema da nossa pesquisa: *“Como a educação financeira pode contribuir para a tomada de decisões dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental?”*.

As motivações para investigar sobre este tema surgiram devido ao fato de que, embora tenham sido efetuadas muitas mudanças com vistas à transformação da visão dos alunos com relação à Matemática, ainda é necessário superar alguns paradigmas existentes e que mantém os pré-conceitos que fazem dessa disciplina um assunto de difícil aprendizagem. Para Eckermann (2009) “o ensino da disciplina está mais pautado nos conteúdos e na resolução de exercícios repetitivos do que na compreensão e aplicação que os alunos deveriam estabelecer”.

Contudo, durante o desenvolvimento desta pesquisa pretendemos introduzir a

Educação Financeira no processo de ensino de Matemática no 7º ano do ensino fundamental por meio de uma discussão sobre a relevância do tema, sob a perspectiva de uma abordagem de educação para o consumo e de uma aplicação de um produto educacional que tem como tema a Educação Financeira associada à Matemática.

Foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, fundamentada no modelo de Thomas A. Romberg, apresentado em seu artigo *"Perspectives on Scholarship and Research Methods"* (Perspectivas sobre Educação e Métodos de Pesquisa). As atividades foram realizadas com uma turma de vinte e dois alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal "Antônio Medina Cardoso" – São João Evangelista (MG).

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi dividido em três seções. Na primeira apresentamos brevemente o assunto "Educação Financeira", os objetivos, a justificativa e o tipo de metodologia utilizada na pesquisa. Na segunda parte, mostramos o levantamento teórico acerca do tema, os procedimentos metodológicos e a execução da proposta de trabalho. Já na última seção fizemos algumas considerações sobre as atividades desenvolvidas.

2. EMBASAMENTO TEÓRICO

Nesta seção apresentamos o levantamento teórico que foi realizado através de uma busca em sites e biblioteca, de documentos, livros, artigos e dissertações sobre o tema tratado neste Trabalho de Conclusão de Curso a Educação Financeira. Relatamos ainda sobre os procedimentos metodológicos utilizados e a execução detalhada da proposta de trabalho.

2.1. Educação Financeira

Segundo SERASA (2013) assuntos de natureza econômica têm intrigado os seres humanos desde tempos remotos. Sendo assim, com o aparecimento do dinheiro surge então a importância de educar-se financeiramente, fato que não é tão recente na humanidade, dado que há mais de dois mil anos na Grécia antiga, o filósofo grego Aristóteles já se preocupava com os “gastos excessivos dos gregos, que não se preocupavam em guardar dinheiro para enfrentar crises futuras ou garantir a tranquilidade na velhice”. (SERASA, 2013)

Negri em sua dissertação “Educação Financeira para o Ensino Médio da rede pública: Uma proposta inovadora”, afirma:

Ao capitalismo não interessa que os cidadãos comuns aprendam a orientar seus ganhos de forma econômica e, para isso, há um forte processo de propaganda que direciona ao consumo de produtos, que nem sempre são necessários ou de interesse imediato. (NEGRI, 2010, p. 17)

Isso é a realidade do país em que vivemos, não é importante para o capitalismo que as pessoas administrem bem o seu dinheiro, para eles quanto mais gastarem é melhor, com isso o *marketing* vem desenvolvendo cada vez mais novos métodos e estratégias que impulsionam o consumidor a comprar excessivamente.

Sendo assim, Gustavo Cerbasi, citado por Negri, informa que:

Educação Financeira é um conhecimento, cuja existência não fazia muito sentido há alguns anos, quando a economia sofria com choques e mudanças de regras frequentes. Nos tempos de inflação elevada, a regra era adquirir bens e fazer estoques, ponto. Com a estabilidade econômica, o conhecimento de finanças pessoais passou a merecer alguma atenção, pois hoje é possível acumular informações nessa área sem que se tornem descartáveis daqui a alguns meses [...] basicamente, um conhecimento que vale a pena acumular. (CERBASÍ apud NEGRI, 2010, p. 18)

Com isso, o assunto Educação Financeira vem sendo bastante discutido no Brasil, pois cresce a cada dia a necessidade dos cidadãos em receber orientações que os auxiliem a lidar com o dinheiro. Como afirma o guia do SERASA de Orientação ao Cidadão: “o País, após 20 anos de inflação, vive uma fase de estabilidade econômica, que exige do brasileiro uma Educação Financeira que o ajude a planejar e garantir seu futuro, algo impossível em outros tempos”. (SERASA, 2013)

Cruz, em sua publicação “Sobre a Estabilidade Financeira do Brasil”, afirma que:

A estabilidade econômica vivenciada no país ao longo dos últimos anos beneficiou de forma direta e em maior intensidade os brasileiros de menor renda, classificados dentro das classes “C”, “D” e “E”. O aumento dos níveis de emprego, da renda, do poder de consumo, e a possibilidade de contrair e financiamentos (entre outros fatores) permitiram que muitas pessoas consumissem produtos e adquirissem bens que antes não tinham acesso. (CRUZ, 2010).

A partir desta afirmação, percebe-se que esta estabilidade econômica trouxe muitos benefícios aos menos favorecidos que antes não possuíam essa “facilidade” para comprar. Com essas oportunidades e a ausência da educação financeira, surge então um descontrole em relação ao consumo que prejudica a todos, principalmente as classes que mais foram privilegiadas.

A definição que Negri tem sobre Educação Financeira é:

[...] um processo educativo que por aplicação de métodos próprios, pelos quais as pessoas de diversas idades, níveis sociais, raça ou cor, permite que as pessoas desenvolvam atividades que auxiliem na manipulação do seu dinheiro ou títulos que as representem; são informações e formações importantes para que as pessoas exerçam uma atividade, um trabalho, uma profissão e lazer, tendo acesso ao bem-estar, que faz com que os seres humanos tenham vontade para vencer as dificuldades do dia a dia. (NEGRI, 2010, p. 19).

Fica claro que Negri (2010) entende a Educação Financeira como um processo educativo que seja levado a todos os cidadãos, fazendo com que eles tenham conhecimento ao administrar o seu dinheiro, aprendendo a gastar com consciência. Hoje em dia não são todas as pessoas que tem conhecimento sobre juros, taxas, acréscimos entre outras e facilmente se deixam enganar com as propagandas que impulsionam a compra, oferecendo “facilidades”.

2.1.1. Educação Financeira: documentos legais

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), representada por 34 países, desenvolvidos e emergentes, tem como objetivo a troca de informações para o crescimento e desenvolvimento econômico dos países participantes. (OCDE, 2013).

Sobre Educação Financeira, a OCDE apresenta a seguinte definição:

Educação Financeira é o processo pelo qual os consumidores financeiros/ investidores melhoram a sua compreensão sobre os conceitos e produtos financeiros e, através da informação, instrução e/ ou aconselhamento objetivos, desenvolvam as habilidades e a confiança para tomar consciência de riscos e oportunidades financeiras, para fazer escolhas informadas, saber onde buscar ajuda e tomar outras medidas eficazes para melhorar a sua proteção e o seu bem-estar financeiro. (OECD, 2005).

Está explícito, ainda neste documento, que a educação financeira deve começar na escola o mais cedo possível (OECD, 2005), pois em muitos casos a própria família desconhece o assunto e mesmo que conheça não desempenha o seu papel, orientando seus filhos. Araújo destaca a “ausência da família em relação ao seu papel no processo de educação econômica” (ARAÚJO, 2008, p. 3).

A OCDE destaca a importância da educação financeira e justifica que os mercados avançam cada vez mais com as estratégias de *marketing*, levando as pessoas a consumirem excessivamente.

Educação Financeira sempre foi importante aos consumidores, para auxiliá-los a orçar e gerir a sua renda, a poupar e investir, e a evitar que se tornem vítimas de fraudes. No entanto, sua crescente relevância nos últimos anos vem ocorrendo em decorrência do desenvolvimento dos mercados financeiros e das mudanças demográficas, econômicas e políticas. (OCDE, 2004, p.223)

O Brasil não participa da OCDE como país membro, mas tem relações estreitas como convidado nas reuniões da organização. Diante dessas participações, o Brasil viu a necessidade de criar uma equipe que desenvolvesse trabalhos visando a educação financeira no país: a ENEF - Estratégia Nacional de Educação Financeira. (SILVA; POWELL, 2013)

A ENEF foi instituída pelo Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010, (VIDA E DINHEIRO, 2013) e observa a necessidade da expansão da educação

financeira nas escolas e em consequência, no país. São objetivos da ENEF:

(...) promover e fomentar a cultura de educação financeira no país, ampliar a compreensão do cidadão, para que seja capaz de fazer escolhas conscientes quanto à administração de seus recursos, e contribuir para a eficiência e solidez dos mercados financeiros, de capitais, de seguros, de previdência e de capitalização. (BRASIL, 2013a, p. 2).

A ENEF também justifica que “A Educação Financeira sempre foi importante para auxiliar as pessoas a planejar e gerir sua renda, poupar, investir e garantir uma vida financeira mais tranquila.” (BRASIL, 2013a, p.8). Completa dizendo que “nos últimos anos, sua relevância cresce em decorrência do desenvolvimento dos mercados financeiros e da inclusão bancária, bem como das mudanças demográficas, econômicas e políticas.” (BRASIL, 2013a, p. 8).

Os consumidores possuem cada vez mais acessos aos produtos e serviços oferecidos pelas instituições financeiras, o que dificulta, muitas vezes, a escolha da melhor opção para sua vida naquele momento. Essa dificuldade muitas vezes leva o consumidor a querer mais de uma opção, justificando-as como relevantes para sua estabilidade financeira o que nem sempre é necessário naquele momento. Como afirma a ENEF:

A variedade de instrumentos de crédito, poupança, investimentos, seguro e previdência e de instituições que os oferecem tende a favorecer o consumidor, por permitir a escolha de produto que seja mais adequado ao seu perfil e aos seus objetivos. Por outro lado, tornam mais difícil a decisão, em virtude da necessidade de comparar as características de cada opção para fazer escolha consciente, com boas informações. Mesmo entre produtos bastante assemelhados, podem existir diferenças significativas de risco, rentabilidade, custos, prazos e direitos de fiscalização, participação e informação. (BRASIL, 2013a, p. 9).

O Plano Diretor da ENEF também deixa explícita a influência que a *internet* tem na vida das pessoas. (BRASIL, 2013a, p. 9). Hoje em dia quase todas as famílias tem acesso à tecnologia o que facilita ao consumidor a ida às compras, pois não precisam sair de casa para comprar o que desejam. A ENEF mostra sua preocupação com isso, principalmente com os jovens que passam horas nas redes sociais e muitas vezes são atraídos pelas propagandas:

A utilização da internet, como meio de informação, comunicação e de transmissão de ordens e operações, por bancos, corretoras e outros intermediários, facilita e estimula entrada de participantes no sistema financeiro, bem como na realização de novas transações financeiras. Por essa razão, tais mudanças, que se afinam com o crescente interesse nos

recursos tecnológicos das novas gerações, atraem investidores de “primeira viagem”, muitos dos quais são jovens, com pouca experiência em finanças. (BRASIL, 2013a, p.9)

E reforça que com as ofertas e as falsas mensagens enviadas pelas instituições financeiras, segundo a ENEF, o consumidor se torna “alvo fácil” a ser enganado:

Além do impacto na redução de custos, a *internet* facilita a proliferação de ofertas irregulares de negócios e operações financeiras, muitas vezes mediante promessas irreais de rentabilidade. A obtenção fraudulenta de dados bancários e financeiros por mensagens eletrônicas falsas também se torna frequente. Pelas características da rede mundial de computadores, a atuação preventiva dos órgãos fiscalizadores encontra dificuldades, muitas vezes não superadas de imediato. Sendo assim, a medida mais efetiva para evitar golpes é elevar o grau de educação financeira do consumidor. (BRASIL, 2013a, p.10)

Dessa forma, a educação financeira se torna necessária no dia a dia das pessoas, auxiliando nas decisões, evitando que as mesmas caiam em golpes de propagandas enganosas.

Ao fazer uma verificação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Matemática - PCN, para saber se o documento trata da Educação Financeira, percebeu-se que o mesmo não trata diretamente do assunto como uma disciplina específica, mas deixa clara a necessidade da disciplina Matemática discutir assuntos relacionados ao consumo, afirmando que:

Em um mundo onde as necessidades sociais, culturais e profissionais ganham novos contornos, todas as áreas requerem alguma competência em Matemática e a possibilidade de compreender conceitos e procedimentos matemáticos é necessário tanto para tirar conclusões e fazer argumentações, quanto para o cidadão agir como consumidor prudente ou tomar decisões em sua vida pessoal e profissional. (BRASIL, 1999, p. 251).

Sobre a matemática no Ensino Fundamental, os PCN's destacam “a necessidade de se contextualizar o ensino da disciplina a partir de situações cotidianas.” (BRASIL, 1998). E ainda reforça que “temas relacionados à educação do consumidor, por exemplo, são contextos privilegiados para o desenvolvimento de conteúdos relativos à medida, porcentagem, sistema monetário”. (BRASIL, 1998).

De acordo com os PCN's:

O compromisso com a construção da cidadania pede necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal e coletiva e a afirmação do princípio da participação política. (BRASIL, 1998, p. 17)

A partir dessa perspectiva foram criados os temas transversais. Observando o documento para sabermos a abordagem do mesmo sobre temas transversais, vimos que estes são definidos como “questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas na vida cotidiana”. (BRASIL, 1998a, p. 17). Porém, percebe-se que, mesmo a educação financeira sendo considerada uma das questões urgentes na atualidade, ainda não é tratada como tema transversal.

Campos reforça essa ideia quando diz que “mesmo o documento tendo um caráter ‘inovador’, ainda precisa avançar em relação a alguns pontos e, dentre esses, aspectos relacionados à Educação Financeira”. (CAMPOS, 2013, p.48).

Em concordância com Campos, Araújo também demonstra essa ausência ao dizer que:

O tema não tem sido tratado com destaque pelos documentos oficiais nacionais, que estabelecem as políticas educativas no Brasil, dentre eles as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação e os Parâmetros Curriculares Nacionais. (ARAÚJO, 2009, p. 75).

Silva ainda menciona que “a situação atual revela que a Educação Financeira no Brasil ainda não chegou nas escolas públicas. Apenas em algumas escolas selecionadas foram aplicados testes pilotos seguindo o plano de ações da ENEF”. (SILVA; POWELL, 2013, p. 11).

Campos (2012, p. 34), completa dizendo o quanto o sistema gestor de educação está sendo omissivo com o cidadão em relação à Educação Financeira. A partir dessas considerações e de outras leituras percebe-se que a Educação Financeira ainda não atingiu as escolas públicas brasileiras de forma eficaz. Araújo afirma que educar financeiramente uma nação é uma questão de cidadania e que a escola tem papel fundamental nessa questão. (ARAÚJO, 2009, p.145)

Sendo assim, torna-se necessário cada dia mais educar financeiramente os cidadãos. Para tanto, um meio de alcançar o desejado, poderá ser a introdução da Educação Financeira nas escolas públicas de nosso país.

2.1.2. A educação financeira na escola

A Educação Financeira tem sido discutida e apresentada em diversas situações, na mídia, em eventos e trabalhos acadêmicos como, por exemplo, existem propostas para o ensino fundamental, médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos) e relatos sobre a educação financeira e o desenvolvimento do país. Foi feita uma abordagem teórica de autores que contemplam a nossa perspectiva de estudo: “Educação Financeira no Ensino Fundamental”.

Ao pesquisar os objetivos da Educação Financeira na opinião de autores que defendem essa proposta, encontramos Mundy (2008, p. 74), que afirma: “as pessoas devem gerir bem o seu dinheiro ao longo de suas vidas. Assim, a educação financeira deve abranger atitudes e comportamentos, bem como conhecimentos e habilidades.” As pessoas vivem num meio social em que precisam tomar decisões diante de situações financeiras, sendo que estas exigem delas certos conhecimentos necessários para que não caiam em dívidas incontrolláveis.

Pesquisamos também as concepções de alguns autores sobre a Educação Financeira nas escolas, que propõe a sua inserção como forma de transformar o panorama existente quando se aplica matemática às operações que lidam com o dinheiro. Contudo, buscamos investigar estratégias para estudo a fim de transformar uma realidade, como está descrito por Gouvea:

A Matemática Financeira nem sempre é trabalhada nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, e quando é oferecida muitas das vezes, fica longe do contexto em que o aluno está inserido. Os conteúdos são oferecidos, na maioria das vezes, de forma a levar o aluno à memorização de fórmulas, que são utilizadas sem saber o porquê sem uma ligação com o seu dia-a-dia. (GOUVEA, 2006, p. 13).

Em concordância com essa afirmação, Martins (2004) relata que o aluno passa onze anos na escola de educação básica e que nada é lhe ensinado sobre finanças além de fórmulas; ele afirma que há uma falta de ligação entre o conteúdo e atividades diárias do aluno. Dessa forma, para mudar essa realidade, “[...] as escolas podem contribuir de forma significativa ao educar os alunos financeiramente, pois eles, por sua vez, levariam esse conhecimento a sua família, com efeito multiplicador”. (BRASIL, 2013b, p. 57).

José Pio Martins, em seu livro *Educação Financeira ao alcance de todos*, diz que o sistema de ensino é omisso quando se trata de educação financeira. Ele critica: “O sistema educacional ignora o assunto ‘dinheiro’, algo incompreensível, já que a alfabetização financeira é fundamental para ser bem-sucedido em um mundo complexo”. (MARTINS, 2004, p. 5).

Sobre a importância da Educação Financeira nas escolas, Marcelo Bergamini Campos, em sua dissertação *Educação financeira na matemática do ensino fundamental: uma análise da produção de significados*, tem como objetivo “investigar a produção de significados de estudantes para tarefas de Educação Financeira”. Realizou uma pesquisa qualitativa e propõe a “inserção da Educação Financeira como tema transversal ao currículo de Matemática da Educação Básica”.

Há também a possibilidade da Educação Financeira ser incluída no currículo escolar, mas isso pode levar algum tempo, pois, segundo Yara Aquino, da Agência Brasil, em Brasília,

Um projeto de lei tramita no Congresso Nacional para incluir oficialmente a educação financeira no currículo escolar nos ensinos fundamental e médio. O projeto propõe que o tema integre o currículo de matemática. Especialistas no assunto, no entanto, defendem que a educação financeira seja trabalhada de forma transversal, incluída em diversas disciplinas. Em tramitação desde 2009, o Projeto de Lei Nº 171/09, apresentado na Câmara dos Deputados, está na Comissão de Educação do Senado e aguarda para entrar na pauta. (AQUINO, 2013).

Este projeto tramita desde 2009 e até hoje, de acordo com Aquino (2013), não houve aprovação e nem inserção da Educação Financeira nos currículos.

Sendo assim, já que poderá levar tanto tempo e o assunto é de importância devido ao grande número de inadimplentes no Brasil (SERASA, 2013), ocorreu-nos a ideia de levar esse conhecimento para os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, podendo também ser tratada pela escola como tema transversal ou abordada por várias disciplinas em conjunto.

Cabe ao professor, portanto, escolher temáticas que despertem empenho em seus estudantes, conforme Mendes (2009, p. 109) descreve: “O professor deve escolher alguns temas matemáticos de interesse para seus alunos”.

Além da necessidade de um repensar das técnicas de ensino é preciso reconhecer o papel das escolas, que muitas vezes se omitem quanto ao ensino de algumas matérias. Santos (2008) escreve em seu artigo:

Sabe-se que, embora esse conteúdo conste do planejamento de muitas escolas, parte importante dos conceitos não é tratada ou são tratados de modo superficial, pois é dada uma ênfase maior na chamada Matemática “geral”. (SANTOS, 2008, p. 4).

Acontece que os professores quando não se identificam com alguns conteúdos, os abordam superficialmente, muitas vezes por não conseguir relacioná-los com situações do dia a dia, ou somente por não o entenderem de forma clara e objetiva. Com o aumento de oferta e consumo no Brasil não é novidade que, mesmo professores de Matemática, que poderiam estar por dentro de como consumir conscientemente, são alvos de um consumo exagerado, o que demonstra que não são fórmulas matemáticas que fazem com que pessoas sejam educadas financeiramente. Oliveira completa:

A Educação Financeira não deve ser confundida com o ensino de técnicas e macetes de bem administrar o dinheiro, não devendo, também, ser confundida com um manual de regras moralistas fáceis. (OLIVEIRA, 2007, p. 9)

Negri diz que ofertas de crédito e opções financeiras devem fazer parte do cotidiano escolar dos alunos uma vez que os mesmos necessitam compreender de forma clara o que realmente lhes convém e se o momento é oportuno àquela aquisição quando afirma que:

Os alunos precisam compreender as especificidades de cada uma das ofertas, pois não sabendo utilizar de maneira correta a melhor opção, não utilizará o melhor benefício. Para poder comparar o que é melhor é necessário compreender as características das diversas opções. (NEGRI, 2010, p. 21).

Da mesma forma são nos adolescentes que os professores encontram um campo fértil para o entendimento do que realmente vem a ser Educação Financeira, pois é a fase em que eles estão começando a consumir e muitas vezes não compreendem as intenções do mercado que é incentivar as pessoas a comprar. Como reforça Negri:

A educação financeira não pode ser privilegio só dos adultos e deve ser estendida também aos adolescentes, que serão os cidadãos de um futuro bem próximo. É na adolescência que encontramos o cenário ideal para novos conhecimentos em relação à construção financeira e econômica de um adulto. (NEGRI, 2010, p. 16).

Negri completa afirmando que “os adolescentes são alvos fáceis para as armadilhas impostas pelo mercado capitalista” (NEGRI, 2010, p. 14) e que:

Tais jovens são trabalhadores, recebem salários e, muitas vezes, não conseguem equilibrar o desejo de consumir com o produto de seu trabalho. Sofrem por não terem uma Educação Financeira. Muitos trabalham para auxiliar a família e outros para comprar roupas, tênis, produtos eletrônicos, diversão, etc. (NEGRI, 2010, p. 15).

Dessa forma, os jovens são atraídos pela variedade de produtos oferecidos pelo mercado, muitas vezes não conseguem fazer economias, pois querem ter quase tudo o que seus amigos têm e não pensam se podem ou não comprá-los. Com isso, a Educação Financeira poderá contribuir nessas decisões, quando lhe ensinados sobre consumo consciente, como confirma Vieira:

[...] podemos dizer que o consumo consciente é muito importante ser considerado. Se o consumidor começar a perceber essa questão, independentemente de ter renda mais alta ou mais baixa, ou terem educação mais o menos elevadas, poderão fazer parte do processo de compra consciente, ou seja, um consumo com reflexão (VIEIRA, 2010, p. 31).

Assim, o que o autor citado acima reforça é que não existe quem precisa mais ou menos de Educação Financeira, ou seja, não importa o quanto que uma pessoa tem como recebimento mensal, sendo muito ou pouco ela precisa saber como administrar bem seus recursos financeiros.

Após o embasamento teórico sobre a educação financeira, fica perceptível a preocupação de inclusão da mesma nas escolas. Araújo afirma que: “educar o consumidor é educar o cidadão, e a escola tem a função histórica e social nesta direção”. (ARAÚJO, 2009, p. 145). Isto que reforça esta proposta de Trabalho de Conclusão de Curso em discutir a relevância da Educação Financeira.

2.2. Metodologia da pesquisa

Foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa que se baseia em coletar, interpretar dados e relatar resultados, buscando responder as questões levantadas durante o processo de pesquisa sem predominar o uso de números. (ROMBERG, 1992, p. 8).

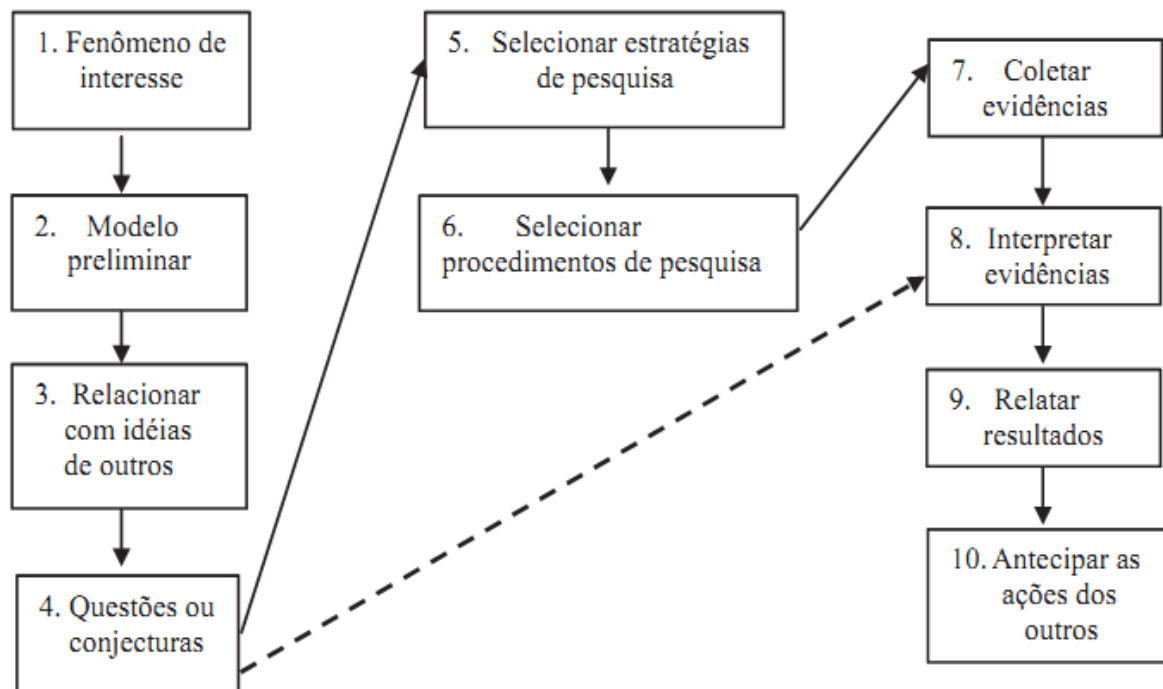
2.2.1. A metodologia de Romberg

A pesquisa foi fundamentada no modelo de Thomas A. Romberg, apresentado em seu artigo *“Perspectives on Scholarship and Research Methods”* (Perspectivas sobre Educação e Métodos de Pesquisa), traduzido por Lourdes de la Rosa Onuchic e Maria Lúcia Boero (2013).

Thomas A. Romberg é “matemático, educador e professor de Currículo e Ensino do Centro de Pesquisas em Educação, de Wisconsin, EUA”. (PEREIRA, 2004, p. 6).

A metodologia de Romberg propõe um roteiro com dez atividades de pesquisa subdivididas em três blocos que serve para nortear o trabalho de pesquisadores iniciantes, que enfrentam alguns problemas para compreender o processo de pesquisa (veja fig. 01).

Figura 1- Modelo de Romberg para o processo de pesquisa



Fonte: ALEVATTO, 2008

A seguir, serão apresentadas as dez atividades propostas por Romberg, que conforme descrito por ele, as quatro primeiras são as mais importantes, pois é o momento de identificação do problema de pesquisa; o segundo bloco trata em

decidir sobre quais evidências devem ser coletadas e como isto deve ser feito; e por fim, o terceiro bloco serve para coletar dados e dar sentido às informações coletadas.

1. Identificar um fenômeno de interesse:

“Toda pesquisa se inicia com uma curiosidade sobre um fenômeno particular do mundo real.” (ROMBERG, 1992, p. 5). Essa atividade consiste em escolher um tema de interesse a ser pesquisado.

2. Modelo Preliminar:

“Um pesquisador faz suposições sobre certos aspectos importantes como variáveis do fenômeno de interesse e de como estes aspectos estão relacionados, depois os ilustra em um modelo”. (ROMBERG, 1992, p. 6).

O modelo preliminar proposto por Romberg consiste em determinar os fatores que interferem nos resultados da pesquisa pretendida. Esta fase da pesquisa é imprescindível para nortear a execução dos trabalhos, pois auxiliará na orientação sobre os fenômenos que interagem com a temática proposta.

3. Relacionar com ideias de outros:

“Uma atividade importante é examinar o que outras pessoas pensam sobre o fenômeno de interesse e determinar se suas ideias podem ser usadas para esclarecer, ampliar ou até mesmo modificar o modelo proposto.” (ROMBERG, 1992, p. 6).

Romberg descreve a necessidade de examinar ideias de outros autores que também discorram sobre o mesmo tema que se propõe a pesquisar. Neste sentido, efetuamos leitura de artigos e livros que abordam o tema e apresentamos na seção anterior.

4. Perguntas:

Ao analisar um fenômeno de interesse podem surgir vários questionamentos, cabendo ao pesquisador decidir qual deles é o melhor para guiar o processo de pesquisa, fato que em algumas vezes não é tarefa fácil. (ROMBERG, 1992, p. 7).

5 – 6. Selecionar estratégias e procedimentos de pesquisa:

Ainda de acordo com Romberg (1992, p. 8), o desenvolvimento de uma pesquisa depende de quais estratégias e procedimentos são selecionados, pois é através destes que o pesquisador irá coletar dados para esclarecer os questionamentos levantados.

7. Coletar evidências:

Para Romberg (1992, p. 8), é imprescindível empregar uma forma que possibilite coletar evidências dos trabalhos desenvolvidos para o avanço da pesquisa. Nesse sentido, serão recolhidos os questionários e as entrevistas como evidências para análise na próxima etapa.

8. Interpretar a informação coletada

A partir da coleta de dados, o pesquisador irá dar sentido às suas informações, organizando-as de acordo com necessidade de responder à questão proposta, visto que, em alguns casos, é possível encontrar informações que não são relevantes para o estudo. Como afirma Romberg: “Neste estágio analisa-se e interpreta-se a informação que foi coletada. [...] parte disso é relevante, parte é irrelevante e parte não é compreensível.” (ROMBERG, 1992, p. 8).

9. Relatar resultados

“Ser um membro de uma comunidade de pesquisa implica uma responsabilidade em informar a outros membros dessa comunidade sobre a investigação completada e esperar por seus comentários e críticas”. (ROMBERG, 1992, p. 9).

10. Antecipar ações dos outros

Depois da realização da pesquisa os pesquisadores têm interesse em saber se ela vai ser válida ou aproveitada para estudos futuros. (ROMBERG, 1992, p. 9).

2.3. Caracterização da pesquisa

Após discussões baseadas em ideias de vários autores que abordam a considerável relevância da educação financeira, definiu-se como fenômeno de interesse “a introdução da Educação Financeira no 7º ano do Ensino Fundamental,

na disciplina de Matemática”. Buscamos com isso, favorecer a socialização desse conhecimento mediante uma pesquisa de campo.

2.3.1. Procedimentos metodológicos

Para executar a pesquisa, a equipe de trabalho elaborou um “Termo de Autorização e Compromisso” (em anexo), que apresenta todas as condições norteadoras da investigação. Daí recorreu-se a uma professora de Matemática da Escola Municipal “Antônio Medina Cardoso”, no município de São João Evangelista, MG, a quem foi apresentada a proposta.

Aos voluntários da pesquisa foram disponibilizadas cópias dos materiais utilizados para estudo durante os encontros.

Foram usados os seguintes materiais:

- Papel A4;
- Lápis;
- Borracha;
- Caneta;
- Calculadora;
- Quadro negro;
- Giz;
- Panfletos de loja;
- Câmera fotográfica.

2.3.2. Local de realização da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal “Antônio Medina Cardoso”, que está situada no Sítio Ribeirão da Mesa, zona rural, localizada a 12 quilômetros de São João Evangelista.

A unidade escolar em questão possui seis salas de aula; uma secretaria; uma biblioteca; uma sala para os professores com banheiro; uma cozinha; dois depósitos, sendo um para armazenamento de alimentos e o outro para materiais de limpeza. Possui quatro banheiros femininos e dois masculinos. Há uma área de circulação ligando os dois pavilhões da escola e um refeitório. A área ao redor do prédio

escolar é muito espaçosa; há uma quadra poliesportiva iluminada e uma área destinada ao pomar; os limites da escola são delimitados por cerca de arame com um portão de acesso. A escola é bem iluminada e arejada; possui luz elétrica e o abastecimento de água é feito por um poço artesiano.

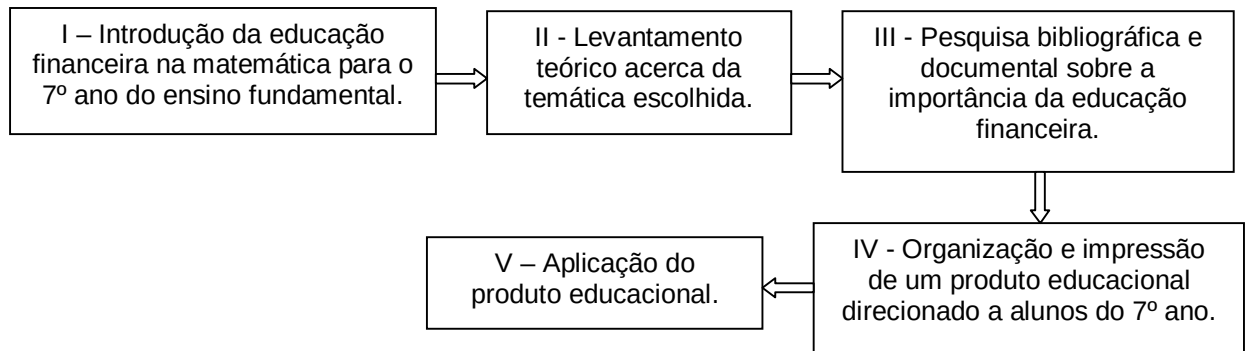
A Escola Municipal “Antônio Medina Cardoso” tem um total de 181 alunos, sendo no turno da manhã, do 6º ao 9º ano e no turno da tarde, funciona desde a Educação Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental. O corpo docente é formado por quinze professores; o corpo administrativo é composto por um diretor, uma vice-diretora, uma pedagoga e uma secretária. A escola conta com seis auxiliares de serviços gerais.

2.3.3. Os participantes

O público alvo da aplicação da nossa pesquisa foi composto por uma professora que leciona há 17 anos, é licenciada em Matemática e Física, trabalha no ensino fundamental de 6º ao 9º ano com matemática e no ensino médio com Física. E alunos regularmente matriculados no 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal “Antônio Medina Cardoso”, no turno da manhã, com faixa etária entre 12 e 17 anos. Apesar de serem da zona rural, muitos têm acesso à tecnologia. São adolescentes que, em sua maioria, trabalham, uns para ajudar no sustento da família e outros para possuírem uma independência financeira, não necessitando dos pais para comprar o que querem. Podendo gastar seu próprio dinheiro, se tornam consumidores ativos.

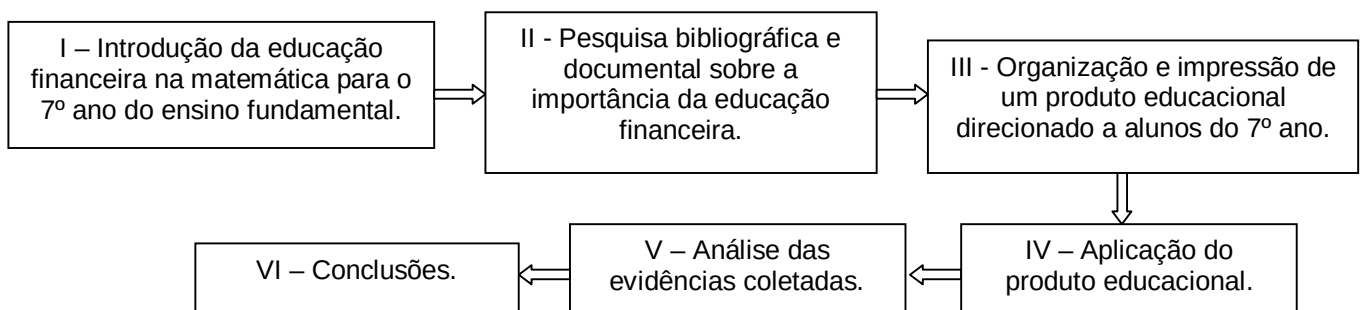
2.4. Executando a proposta de trabalho

Considerando o tema do trabalho: A introdução da Educação Financeira na matemática para o 7º ano do ensino fundamental, construiu-se um modelo preliminar (fig. 2) para servir como guia na trajetória de pesquisa envolvendo as seguintes variáveis:

Figura 2 - Modelo preliminar

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Durante a experiência percebeu-se a necessidade de alterar o modelo preliminar e, de acordo com Romberg citado por Azevedo (2002, p. 7), é possível que isso ocorra: “O modelo funciona como guia no desenvolvimento da pesquisa. Entretanto, ele pode ser modificado ao longo da pesquisa.” Diante dessa afirmação, segue abaixo o modelo modificado (fig.3).

Figura 3: Modelo preliminar modificado

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Durante o desenvolvimento do trabalho surgiram várias questões em relação ao nosso fenômeno de interesse, isso dificultou a delimitação do tema, já que foram consideradas de suma importância para serem pesquisadas. Consideramos as seguintes, para então formularmos nossa pergunta específica da pesquisa:

- a) quando o professor ensina matemática financeira, a educação financeira também aparece? Ou ensina apenas tópicos e conceitos?
- b) os alunos são orientados sobre o consumo exagerado?

- c) qual a contribuição da escola para que o ensino de matemática financeira seja eficiente na tomada de decisões dos alunos?
- d) como é a participação do estudante nas operações financeiras de sua família?

Nesse caso, além de considerar essas questões, o pesquisador pode também formular uma conjectura baseando-se em uma possível solução para o problema como afirma Romberg: “Mais do que simplesmente levantar questões interessantes, os pesquisadores fazem uma ou mais conjecturas (suposições ou predições racionais) sobre o que seria necessário para responder as questões feitas.” (ROMBERG, 1992, p. 52).

Com base no que diz Pereira (2004, p. 50), “o problema da pesquisa, dado por uma pergunta ou por uma conjectura, tem uma função diretiva no trabalho, para que não se corra o risco de percorrer outros caminhos que não sejam aqueles sugeridos pela própria pesquisa.” E após uma intensa reflexão sobre o nosso fenômeno de interesse “a introdução da Educação Financeira no 7º ano do Ensino Fundamental, na disciplina de Matemática”, optamos por uma pergunta específica para guiar a investigação: *“Como a educação financeira pode contribuir para a tomada de decisões dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental?”*. Sendo assim, esta se torna a pergunta - problema da nossa pesquisa.

Para dar continuidade à pesquisa, após definir o problema, é necessário escolher corretamente as estratégias e os procedimentos que irão nortear o caminho do pesquisador. Como assegura Romberg:

A decisão sobre que métodos utilizar segue diretamente das questões que se seleciona, da visão de mundo na qual as questões estão situadas, do modelo preliminar que foi construído a fim de explicar o “fenômeno de interesse” e da conjectura que se faz sobre a evidência necessária. (ROMBERG, 1992, p. 8)

Dessa forma, apresentaremos as estratégias e os procedimentos que foram feitos através de averiguações de livros didáticos e documentos ligados ao currículo e projetos da escola, bem como entrevista com uma professora de matemática (roteiro em anexo) e aplicação de questionários (em anexo), adotados durante a pesquisa para coleta de dados.

Verificamos alguns livros didáticos com o objetivo de saber se os autores apresentam a educação financeira e, em caso afirmativo, de qual forma propõem.

O livro *Tudo é Matemática*, Dante (2012), foi adotado pela Escola Municipal “Antônio Medina Cardoso” para o 7º ano. Já na abertura do capítulo 1, são apresentadas situações-problema que envolvem as opções de pagamento, à vista ou a prazo, e cálculo de porcentagem. Também o capítulo 9 é direcionado à matemática financeira, porém o que percebemos foi que trata apenas conceitos como regra de sociedade, juros simples e juros compostos, não necessariamente educa financeiramente o aluno, ou seja não mostra a ele o que juros simples ou composto podem acarretar em sua vida e como evitá-los.

Como na escola não há *internet*, a professora não tem como pedir a seus alunos que façam pesquisa, sendo assim ela possui mais dois livros didáticos de apoio sem ser o adotado. Fomos então verificar se esses livros de apoio apresentavam a proposta de Educação Financeira. A primeira opção, depois do adotado é o “*Matemática hoje é feita assim*”, Bigode (2006). Nele podemos perceber que no capítulo 11, em um de seus tópicos trata de porcentagens, logo o assunto Educação Financeira não aparece.

A segunda opção é o livro “*Matemática: ideias e desafios*” de Mori e Onaga (2006). O capítulo 12 desse livro, que tem um nome bem sugestivo: “*A proporcionalidade aplicada aos negócios*”, trata de porcentagens e juros simples. Por ser um livro escrito há sete anos percebemos que os autores já abordavam um pouco da educação financeira, pois colocam o aluno a pensar e calcular se na venda que ele fez obteve lucros ou prejuízos, e fazer o balanço de uma aplicação, ou qual seria a melhor opção de negócio.

A escola ainda nos ofereceu para verificação os dois prováveis livros a serem adotados para o ano de 2014. A primeira opção escolhida foi o livro *Matemática Imenes & Lellis*, de Luiz Márcio Imenes e Marcelo Lellis (2012). Nele podemos perceber que não há claramente relação da matemática com a Educação Financeira. Como segunda opção, temos o livro *Matemática teoria e contexto* de Centurión e Jakubovic (2012). Nele há apenas um tópico que faz referência às armadilhas dos percentuais de aumento e de diminuição, mas também não trata da Educação Financeira em si.

Reforçamos que nossa constatação sobre os livros didáticos não teve como objetivo desqualificar o trabalho dos autores e sim verificar se os mesmo abordavam a educação financeira.

Buscamos ainda na secretaria da Escola Municipal “Antônio Medina Cardoso”, considerar a Proposta Pedagógica que contém o currículo e os projetos e para verificar a existência da Educação Financeira. Procuramos perceber se pelo menos em algum projeto da escola estava incluída a Educação Financeira, uma vez que muitas escolas têm autonomia para fazer seu próprio currículo.

Ao analisarmos a Proposta Pedagógica podemos observar que o currículo está dividido em duas partes: Base Nacional Comum e Parte Diversificada. Na primeira, estão descritas as seguintes disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, Ciências, Educação Física, Educação Artística, e Educação Religiosa; na segunda, tem-se Inglês e Redação e Expressão, não havendo então Educação Financeira proposta no Currículo de Base Nacional Comum, apenas nas observações que diz:

A Base Nacional Comum e Parte Diversificada serão trabalhadas de forma integrada aos aspectos da vida cidadã, tais como: A Saúde, A Sexualidade, A Vida Familiar e Social, O Meio Ambiente; O Trabalho; A Ciência e a Tecnologia; A Cultura; As Linguagens. (SÃO JOÃO EVANGELISTA, 2013).

Diante disso, em relação ao Currículo de Base Nacional Comum percebe-se que dependerá do professor conhecer bem o currículo e também as observações que estão nele para inserir a Educação Financeira em suas aulas, já que educar financeiramente os alunos faz parte da Vida Familiar e Social; assim como também do Trabalho que estão descritas nas observações e que todas as disciplinas tanto da Base Nacional Comum quanto da Parte Diversificada devem ser trabalhadas voltadas para a vida cidadã.

Ainda na análise da Proposta Pedagógica da escola na parte de Projetos Pedagógicos Desenvolvidos estão listados todos os projetos, a ordem em que devem acontecer e prováveis meses que são desenvolvidos durante o ano, segundo consta na tabela 1.

**Tabela 1 – Projetos pedagógicos desenvolvidos pela Escola Municipal
“Antônio Medina Cardoso”**

Nº de ordem	Nome do Projeto	
01	Projeto Carnaval	Fevereiro
02	Projeto Vivenciando Valores na Escola	Fevereiro a Novembro
03	Projeto História/ Momentos Literários	Fevereiro a Abril
04	Projeto Páscoa	Abril
05	Projeto Meio Ambiente	Junho
06	Projeto de Prática Docente/Reforço Escolar	Março a Novembro
07	Projeto Dia Nacional da Matemática- 06/05	Abril a Maio
08	Projeto de Educação/Atividades diversificadas em busca do desenvolvimento do educando	Março a Junho
09	Projeto Direitos Humanos	Abril
10	Projeto Sanitarista Mirim	Março a Outubro
11	Projeto Nutrição	Outubro a Novembro
12	Projeto Educação não tem cor	Novembro

Fonte: São João Evangelista, 2013.

Ao conversarmos com a professora e a especialista da escola se já trabalhavam a Educação Financeira nos projetos, elas disseram que não, e que somente nos projetos “Dia Nacional da Matemática” e no projeto “Direitos Humanos” viam a possibilidade de inserir a Educação Financeira.

Para a professora entrevistada, a Educação Financeira é muito importante, e deveria fazer parte de nossas vidas, não ser privilégio de apenas professores de matemática, mas sim de qualquer disciplina e de todas as pessoas. Infelizmente, o sistema atual de ensino supervaloriza alguns conteúdos e menospreza outros. Atualmente a professora trabalha sobre questões financeiras somente o que está proposto no livro didático devido ao grande acúmulo de matérias propostas no planejamento que tem que ser cumpridas.

Aplicamos um questionário aos alunos, colaboradores da pesquisa, com o objetivo de verificar seus conhecimentos prévios. Solicitamos a eles que lessem com muita atenção, respondessem de acordo com o que sabiam e comentassem suas respostas. Percebemos que alguns estudantes já tinham ouvido falar dessa parte financeira da matemática, como relata os estudantes. Aqui, o aluno é representado por uma mesma letra em todas as questões.

1 – O que você entende sobre Educação Financeira?

- A: “É uma educação que ajuda a saber administrar”;
- B: “A Educação financeira ajuda você na vida”;
- C: “Que é relacionado com dinheiro”;
- D: “Sim, sobre economizar dinheiro”;
- E: “É alguma coisa que administra o nosso dinheiro”;
- F: “Administrar o dinheiro da sua família”;
- G: “Sim. Entendo que é uma educação administrativa”;
- H: “É a gente gasta menos nas coisas.”;
- I: “É uma educação que a gente consegue administrar”;
- J: “Economizar, saber gastar seu dinheiro sem que ninguém passe você para trás”;
- K: “Que é como você educa seu dinheiro, ou seja, o administra”;
- L: “Que ajuda na administração do dinheiro”;
- M: “Não. Nunca ouvi falar”;
- N: “Nunca ouvi fala em educação financeira”;
- O: “Não sei”;

*2 – Você acha que a Educação Financeira tem alguma utilidade no seu dia a dia?
Por quê?*

- A: “Sim. Porque eu tenho que ajudar meus pais na administração”;
- B: “Sim. Por que a gente aprende todos os dias mais sobre isso”;
- C: “Sim. Porque se todos soubesse não estaria tão endividado”;
- D: “Sim porquê pode garantir o meu futuro”;
- E: “Porque temos que cuidar do nosso dinheiro”;
- F: “Sim porque o dinheiro move o mundo”;
- G: “Não. Porque eu nunca vi”;
- H: “ - ”
- I: “Sim. Porque a gente aprende a gastar o dinheiro”;

- J: "Sim. Porque aprendemos mais e pode ser bom para nós no futuro";
 K: "Sim. Pois eu ajudo meus pais a administrarem o seu próprio dinheiro";
 L: "Sim na administração do dinheiro";
 M: "Sim. Porque acho que precisamos dela";
 N: "Sim. Porque é bom pra todos nós";
 O: "Sim. Porque todos estão individadados".

3 – Você recebe algum dinheiro mensalmente?

- A: "Eu recebo 200 reais mensal de meus pais";
 B: "Sim";
 C: "Sim";
 D: "Sim eu trabalho";
 E: "Sim uma mesada do meu pai";
 F: "Não";
 G: "Sim";
 H: "Sim";
 I: "Sim";
 J: "Sim";
 K: "Sim pois estou trabalhando";
 L: "Sim";
 M: "Não. Só de vez em quando";
 N: "Não";
 O: "Não eu não recebo".

4 – Se você recebe, quem administra seu dinheiro?

- A: "Eu administro meu dinheiro";
 B: "Eu mesmo";
 C: "Eu";
 D: "Eu";
 E: "Eu mesmo";
 F: "O meu pai";
 G: "Mãe";
 H: "Sim eu mesma";
 I: "Sim - minha mãe";
 J: "Eu";

- K: “Eu mesmo”;
- L: “Eu mesma”;
- M: “Minha mãe”;
- N: “Minha mãe”;
- O: “Ninguém”.

5 – Como organiza seus gastos?

- A: “Eu organizo em contas como eu devo e quanto”;
- B: “gasto só nas coisa que eu preciso”;
- C: “não dou tempo para organizar gasto tudo”;
- D: “medio”;
- E: “não tenho muitos gastos, mas o que gasto eu sei organizar muito bem”;
- F: “Eu organizo como gastando pouco dinheiro”;
- G: “guardando”;
- H: “gastando menos”;
- I: “guardando no lugar seguro”;
- J: “Procuro gastar menos, economizo”;
- K: “Eu organizo em contas o meu dinheiro”;
- L: “nem da tempo”;
- M: “Eu guardo um pouco”;
- N: “comprando só o que é preciso e não sai comprando o que ver pela a frente”;
- O: “economizando”.

6 – Se você for comprar um produto e ao chegar à loja ver que ele está em promoção, você compra apenas o que tinha planejado ou compra mais por estar na promoção?

- A: “Eu compro o que o meu dinheiro dar”;
- B: “compro apenas se eu estivesse planejado e compro aquele produto”;
- C: “se estiver com dinheiro compro mais”;
- D: “compro”;
- E: “Eu compro só o que tinha planejado”;
- F: “Sim. Porque está na promoção”;
- G: “Compro mais por estar na promoção”;
- H: “se esta na promoção sim eu compro”;

- I: “eu só compro o que for comprar”;
- J: “se eu estiver dinheiro e gosta de algo amais do que tinha planejado, eu compro”;
- K: “Eu compro só o que eu ia compra”;
- L: “mais por estar na promoção”;
- M: “compro mais”;
- N: “Eu compro o que tinha planejado porque não é por que está na promoção que você vai compra e se o produto não vale nada”;
- O: “o que teria planejado”.

7 – Quando você pede algo para seus pais e eles dizem que não podem comprar no momento, o que você faz?

- A: “Eu trabalho tirando leite para meu vizinho querido”;
- B: “Eu não faço nada porque eu não peço dinheiro para eles”;
- C: “me conformo”;
- D: “Espero ter uma oportunidade”;
- E: “Eu entendo ele por que quando ele pode ele mim dá”;
- F: “Não compro: A família e a minha base”;
- G: “nada”;
- H: “eu espero eles terem o dinheiro”;
- I: “eu obedeço”;
- J: “Eu espero o dia que eles tiverem o dinheiro e puder me da”;
- K: “Eu trabalho para ter dinheiro para comprar o que eu quero”;
- L: “ensisto”;
- M: “Eu entende que eles não pode me dar”;
- N: “eu não fasso nada entendo eles”;
- O: “Eu espero ate ele poder mim da o que quero”.

De posse dos dados levantados, estes foram examinados considerando os pontos que demonstram deficiência e/ou domínio de conhecimento sobre a educação financeira em relação às respostas apresentadas.

Percebemos que a maioria dos alunos sabe que a educação financeira é algo relacionado ao dinheiro, porém, não conseguem expressar a importância do assunto e ainda não sabem que a educação financeira serve para conscientizá-los sobre o uso dos seus recursos.

A partir disso e pensando em nosso problema de pesquisa: *“Como a educação financeira pode contribuir para a tomada de decisões dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental?”*, fizemos uma discussão para criarmos um material de apoio com atividades (em anexo) que foi aplicado aos colaboradores.

2.5. Aplicação das atividades

A aplicação das atividades foi realizada com os 22 alunos do 7º ano do ensino fundamental da Escola Municipal “Antônio Medina Cardoso”, ao longo de seis encontros, totalizando 10 aulas de cinquenta minutos, utilizando as aulas de matemática cedidas pela professora que concordou com a aplicação. Foram realizadas discussões em relação às atividades distribuídas e desenvolvemos observações mediante acompanhamento dos colaboradores.

Considerando as respostas dos alunos no questionário aplicado na etapa anterior, iniciou-se a aplicação da pesquisa fazendo uma apresentação do tema “Educação Financeira” e falando um pouco sobre a economia do Brasil, desde quando surgiu e como está nos dias atuais.

Destacando sua importância em diversos aspectos, citamos vários exemplos como: produtos em promoção; o uso do cartão de crédito e cheque; comprar algo sem poder, apenas por querer; gastar todo o dinheiro que recebe sem necessidade e economizar. Procuramos sempre introduzir o assunto “consumo consciente” e relacioná-lo com situações práticas do cotidiano do aluno, envolvendo-os nos exemplos citados para facilitar a sua compreensão.

Foi um momento riquíssimo de debate, pois serviu para promover uma interação entre os alunos. A grande maioria demonstrou interesse pelo assunto, citavam exemplos da família, dos amigos e até deles mesmos. Procuramos explorar ao máximo suas opiniões.

Um momento que nos chamou atenção foi quando falávamos de economia, sobre a importância em guardar um pouco do dinheiro que se recebe, pois poderão surgir momentos de necessidades inesperadas, nos quais se precisará do dinheiro, um dos alunos nos interrompeu e disse: *“eu trabalho professora, mas gasto tudo quando recebo porque se eu guardo um pouco, meu irmão me pede emprestado e nunca mais me paga, então é melhor eu gastar comigo do que emprestar e não receber mais!”*. Neste momento demos a ele uma sugestão de abrir uma conta

poupança em um banco e tudo que for recebendo e não precisar gastar, poderá depositar em sua conta.

Como havíamos acabado de falar em conta poupança, percebemos que alguns alunos não sabiam o que era, mas não aprofundamos muito no assunto, pois a aula já estava acabando e no próximo encontro iríamos dar a eles uma atividade que envolvia esses conceitos. Por ser algo novo, eles ficaram interessados, mas finalizamos por ali e falamos que no próximo encontro continuaríamos.

Iniciamos o segundo dia da aplicação da pesquisa entregando uma atividade que envolvia conhecimentos básicos sobre formas de pagamentos, juros e cartão de crédito. Deixamos espaços para eles responderem.

Fizemos a seguinte pergunta:

- a) Você já observou que alguns panfletos de lojas têm o preço a vista mais visível e outro valor diferente para um mesmo produto? Você sabe por que isso acontece?

A maioria dos alunos respondeu que não sabe e que nunca reparou nisso. Outros nos surpreenderam. Um deles disse que é *“Por que à vista sai bem mais barato e também para atrair os compradores”*, o outro fez a seguinte colocação: *“Sim. Por que. À vista comerciante está confiante no dinheiro. Já o produto a prazo o comerciante não sabe se vai receber.”* Outro aluno deu um exemplo para explicar o porquê que isso acontece: *“Porque à vista uma tv de tela plana é 1500 e a prazo é 2000. Porque eles cobram juros em cima do preço real”*. Foram respostas de diferentes formas de pensar, mas que explicam muito bem a nossa pergunta.

Em outra questão colocamos a imagem de um *Tablet* (fig.4) e solicitamos a eles que observassem as formas de pagamento do produto:

Figura 4: *Tablet*

Tablet Phaser Kinno II PC713 com Tela 7", 4GB, Câmera, Wi-Fi, Suporte à Modem 3G e Android 4.0 (Cód. Item 1866688) (Cód EAN 7898949568261)



De: R\$ 349,00 Por: R\$299,00 ou 12X de R\$ 24,92 Economia de: R\$ 50,00
Mais vantagem pra você, por R\$ 263,12 , no boleto ou débito online.

Pagamento com Cartão de Crédito

À vista	R\$299,00
2x sem juros	R\$149,50
3x sem juros	R\$99,67
4x sem juros	R\$74,75
5x sem juros	R\$59,80
6x sem juros	R\$49,83
7x sem juros	R\$42,38
8x sem juros	R\$37,38
9x sem juros	R\$33,22
10x sem juros	R\$29,90
11x sem juros	R\$27,18
12x sem juros	R\$24,92

Fonte: Adaptado do site das Casas Bahia

Após a observação da tabela, foi pedido que relatassem o que puderam perceber com a distribuição dos preços. Dentre as respostas escolhemos algumas para comentar, as respostas que mais se aproximaram do solicitado foram: “Quanto mais vezes, menor fica as prestações, mas o preço é o mesmo” e “Que eles dividindo achamos que estamos comprando mais barato mas na verdade não esta so muda a forma de pagamento”, nessas respostas percebemos que os alunos realmente analisaram e compreenderam o que estava proposto na pergunta.

Uma terceira foi: *“que ele diminui a cada vez”*. Nessa resposta, o aluno deixa uma dúvida, não esclareceu em seu comentário se é a prestação que diminui ou se é o valor do produto.

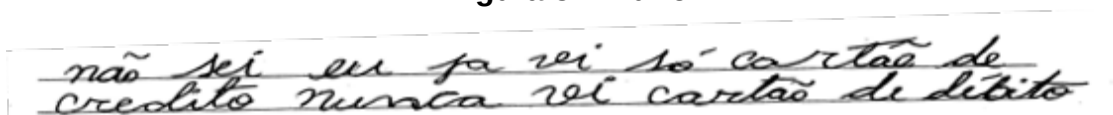
Continuando a observação encontramos: *“Eu percebo que 12x sem juros é mais barato do que no cartão de débito”*, neste caso fica claro que o aluno não entendeu o que foi proposto no enunciado da tabela, quando ele fala que 12x sem juros é mais barato, dá a entender que ele pensou que o valor total em 12x é de R\$ 24,92, sendo que na verdade esse valor é de cada prestação.

Outro comentário que nos chamou a atenção foi o de outro aluno ao dizer que: *“se agente tive com o dinheiro é melhor pagar à vista do que a prestação por que a prestação sempre sai mais caro”*, notamos que o aluno tem em mente que sempre pagar à vista (com dinheiro) é melhor, porém, nesta situação vimos que no boleto ou débito *online*, que também é uma forma de pagamento à vista, sai mais barato, mas ele não percebeu essa informação.

Muito interessante também foi à resposta do aluno quando ele diz que: *“À vista sai bem melhor por 299,00, mas em 12x sem juros, fica muito ruim são um ano devendo uma micharia de preço, ou também pagar 2x sem juros de 149,50”*. Percebemos que o aluno entende que dever por muito tempo um valor pequeno é bobagem, melhor pagar tudo a vista ou de duas vezes e ficar livre da dívida.

Com essas observações percebemos que, mesmo os alunos sendo da zona rural e não tendo muito acesso ao mercado e as propagandas que diariamente impulsionam o consumo, alguns compreendem muito bem esses fatores financeiros, já outros não conhecem cartão de crédito. Quando solicitamos a eles que descrevessem a diferença entre cartão de crédito e cartão de débito, eles responderam segundo consta nas figuras de 5 a 8.

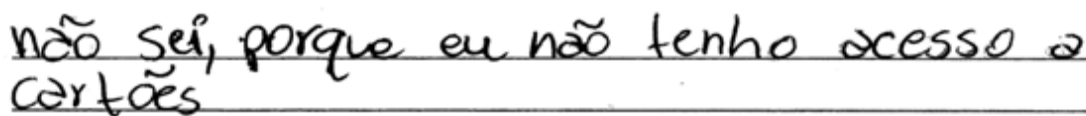
Figura 5 - Aluno A:



*não sei eu fa vi só cartão de
credito nunca vi cartão de debito*

Fonte: Dados da pesquisa

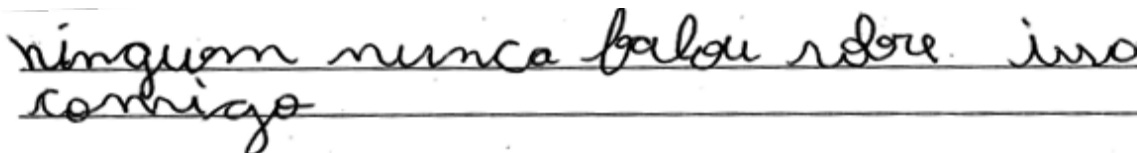
Figura 6 - Aluno B:



não sei, porque eu não tenho acesso a cartões

Fonte: Dados da pesquisa

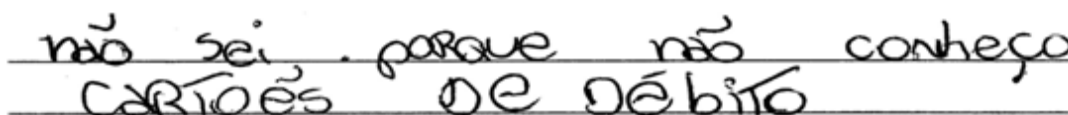
Figura 7- Aluno C:



ninguém nunca falou sobre isso comigo

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 8 - Aluno D:



não sei. porque não conheço cartões de débito

Fonte: Dados da pesquisa

Diante desses comentários e de outros expressos verbalmente começamos a sanar as dúvidas dos alunos. Aproveitamos o momento para explicar como funcionam as operações bancárias, falamos sobre o uso do cartão de crédito ou débito, cheque, cheque especial, boleto entre outros e explicamos como e onde utilizá-los. Todos ficaram atentos nesse momento, pois muitas coisas que falamos eram novidades para alguns.

Seguindo as discussões, uma aluna nos interrompeu perguntando sobre a última questão da atividade, disse que não havia entendido, pois à vista o preço deveria ser menor do que o valor do produto dividido em 12 vezes, mas a loja deixou o mesmo preço. A questão citada pela aluna era a seguinte:

- a) Na sua opinião, qual a intenção da loja em oferecer o produto à vista e parcelado em até 12 vezes sem juros no cartão de crédito, pelo mesmo preço?

Quando começamos explicá-la porque algumas lojas fazem isso, uma colega entrou no assunto e disse que isso ocorre para:

Figura 9 – Aluno E:

deixar mais fácil o acesso de pagamento

Fonte: Dados da pesquisa

Neste momento deixamos os alunos interagirem com a dúvida da colega. Fomos perguntando as opiniões de outras pessoas, um estudante leu o que respondeu:

Figura 10 – Aluno F:

Para chamar nossa atenção achamos que está barato e compramos

Fonte: Dados da pesquisa

Diante dessas colocações, concordamos com os alunos, pois nesse caso, o produto estava com preços iguais para facilitar a compra, qualquer uma das duas opções citadas acima não interferiria no valor a ser pago. Explicamos que nem sempre é assim, em alguns casos pagar à vista é mais vantajoso, pois são acrescentados juros nos parcelamentos, ou seja, quanto maior o número de parcelas, maior o valor total.

Apresentamos no quadro um exemplo retirado do livro de Dante (2004): *Matemática Volume Único*, em que a compra a prazo é mais vantajosa e fizemos o seguinte questionamento: Qual a melhor opção, comprar à vista ou a prazo?

A maioria respondeu que a vista é melhor, porque ganharia desconto, mas que às vezes parcelam porque querem aquele produto e não tem o dinheiro.

Com isso explicamos que comprar à vista nem sempre é a melhor opção. Diante da nossa afirmação, surgiram alguns questionamentos, como: “*como assim professora? Sempre que compro a vista, sai mais barato!*”, “*mentira professora, como que eu compro a prazo e saí mais barato*”. Então resolvemos o problema para

facilitar a compreensão dos alunos, lembrando que o exemplo tinha um nível mais avançado de conhecimento sobre matemática financeira e o nosso objetivo era apenas mostrar que existe essa situação e não aprofundar em cálculos e fórmulas. Veja o exemplo:

(DANTE, 2004) Uma pessoa vai fazer uma compra no valor de R\$ 4000,00, usando o que tem depositado na caderneta de poupança, que está rendendo 1% ao mês. Ela quer saber, do ponto de vista financeiro, qual o plano de pagamento oferecido pela loja é o mais vantajoso:

A) Pagar à vista;

B) Pagar em duas prestações iguais a R\$ 2005,00 cada uma.

Resolução:

Pagando à vista: toda quantia de R\$ 4000,00 será gasta (sobrará 0). Pagando em duas prestações de R\$ 2005,00, como a caderneta de poupança utiliza o sistema de juros compostos, após o pagamento da primeira prestação sobrará a quantia de R\$ 1995,00, que renderá juros de 1% até o pagamento da segunda prestação. Veja:

$$1\% \text{ de } 1995 = 19,95$$

$$M = 1995 + 19,95 = 2014,95$$

$$2014,95 - 2005 = 9,95$$

Logo, o segundo plano de pagamento é melhor, pois ainda sobrará a quantia de R\$ 9,95.

Diante disso, os alunos ficaram eufóricos, pois não imaginavam que pagar a prazo poderia ser a melhor opção e que ainda sobraria dinheiro. Até conseguirem entender o que havíamos explicado, tiveram muitas dificuldades em compreender a resolução do problema, visto que utilizamos conceitos jamais vistos por eles.

Nestas circunstâncias, para melhor assimilação dos alunos em relação à situação apresentada acima, fizemos uma breve abordagem sobre os conceitos básicos da matemática financeira:

- a) capital (C): Quantidade de dinheiro inicial a ser movimentada (por exemplo, uma quantia em dinheiro que a pessoa pega emprestada);
- b) juro (J): Remuneração do capital a ser negociado (aluguel do dinheiro cobrado pelo prestador);

- c) taxa de Juros (i): Relação entre o valor pago em forma de juros e o capital inicial, considerando um dado intervalo de tempo que é indicado na seguinte forma: ao dia (a. d.), ao mês (a. m.), ao bimestre (a. b.), ao trimestre (a. t.), ao ano (a. a.);
- d) montante (M): Soma do valor do capital inicial com os juros aplicados em certo período.

Notamos que todos reagiram de forma satisfatória à introdução dos conceitos, uma vez que indagações surgiram como forma de interesse pelo assunto, tais como: *“será que se eu comprar aquele celular que eu estava querendo, eu pagaria mais caro comprando à vista ou a prazo?”* Diante de questionamentos como esse, nos propusemos a levar panfletos de uma loja de eletrodomésticos no próximo encontro, para eles analisarem e compararem os preços.

No penúltimo encontro com a turma, prosseguimos com a pesquisa, distribuindo os panfletos. Foi cedido um tempo para eles observarem, as primeiras reações foram: *“eu quero um notebook”, “eu quero ter um helicóptero home play”, “eu uma câmera e um tablet”, “uma bicicleta aro 26”*. Interferimos perguntando se eles queriam ou precisavam desses produtos e alertamos novamente sobre o consumo consciente, sobre avaliarmos o quanto é necessário ou não aquela aquisição.

A partir daí, pedimos que os alunos analisassem os preços e verificassem qual a diferença entre o pagamento à vista e a prazo e não apenas ficarem escolhendo produtos. Os alunos notaram que em alguns produtos a diferença era enorme, como podemos mostrar a fala de um aluno que confirma:

Aluno A: *Nossa professora, olha a diferença do videogame, se eu comprar a vista eu pago R\$ 1199,00 e se eu comprar dividido eu pago R\$ 1650,00, olha o prejuízo que eu vou tomar se eu comprar dividido!.*

Pesquisadoras: *Por que prejuízo? Quanto você pagaria a mais?*

Aluno A: *Prejuízo porque o valor aumenta muito, agora espera aí que eu vou fazer a conta.*

Esperamos o aluno fazer a conta. De posse do resultado, ele respondeu:

Aluno A: *Aumenta quase R\$ 500,00.*

Pesquisadoras: *Qual o valor exato?*

Aluno A: *R\$ 451,00*

Pesquisadoras: *Como chamaria esse aumento?*

Aluno A: *Ah não sei não professora!*

Pesquisadoras: *Pense um pouco, se não lembrar procure em seu caderno os conceitos básicos de matemática financeira.*

Quando os alunos ouviram a diferença do preço a prazo, acharam um absurdo e alguns começaram a fazer comparações entre os preços de outros produtos. De repente um estudante que quase não participava da discussão, grita lá do fundo da sala de aula:

Aluno B: *Preço à vista e a prazo: deveria ser preço à vista e cego!*

Pesquisadoras: *Como assim?! Cego?*

Aluno B: *Cego porque comprar a prazo a loja fura o olho da gente!*

Risadas..., explicamos a eles novamente que a nossa proposta de introduzir a educação financeira no 7º ano, foi justamente para isso, fazer com que eles saibam analisar as propostas de negociação para não cair em estratégias de propagandas.

Um exemplo é apontado no folheto, o preço parcelado, mais visível, serve para chamar atenção dos clientes que se enganam com o valor pequeno da prestação, sendo que quanto maior o número de parcelas e menor o valor da prestação, mais juros são cobrados, tornando o valor total mais elevado, que sempre aparece em letras pequenas.

Voltamos a perguntar ao aluno A se ele tinha encontrado a resposta sobre o que significava aquele aumento.

Aluno A: *Pelo que li, acho que isso é o montante.*

Pesquisadoras: *Nesse caso, esse aumento é chamado de juros, pois é o tanto que passou do preço à vista. Quando somamos esse preço inicial com o valor excedido, ou seja, os R\$ 451,00, é que obtemos o montante: o valor total do produto a prazo.*

Até então, alguns alunos afirmaram que não sabiam que isso ocorria ou ainda não tinham prestado atenção. Assim, foram surgindo várias indagações sobre o assunto no decorrer da aula, que foram respondidas por nós e às vezes, pelos próprios colegas.

2.5.1. Avaliação

O último encontro da aplicação da pesquisa aconteceu em um dia chuvoso. Como a maioria dos alunos necessita de ônibus para ir à escola, somente sete

compareceram. Pedimos a eles que fizessem uma avaliação sobre o trabalho realizado, destacando os pontos positivos e negativos e principalmente escrevessem sobre a importância assumida pela educação financeira para a vida social.

As avaliações dos alunos são apresentadas nas figuras de 11 a 17, abaixo.

Figura 11 - Aluno G:

Eu acho que valeu a pena estudar educação financeira pois você sabe como comprar e não ficar com dívida e se livrar das juros.

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 12 - Aluno H:

A Educação Financeira é muito importante para você aprender a gastar menos e gastar só com o que você precisa para o seu consumo, e também aprender a guardar bem o seu dinheiro para quando você precisar você estiver ele.

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 13 - Aluno I:

^{financeira}
É muito bom para ensinar a controlar nosso dinheiro

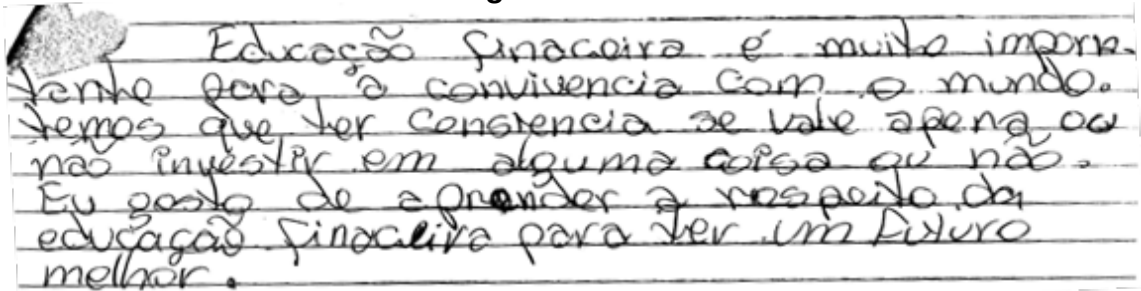
Fonte: Dados da pesquisa

Figura 14 - Aluno J:

A educação financeira é boa e sempre tem que seguir desse jeito porque ajuda o bolso do consumidor, não gasta muito eu gostei disso porque é bom vai seguir em frente

Fonte: Dados da pesquisa

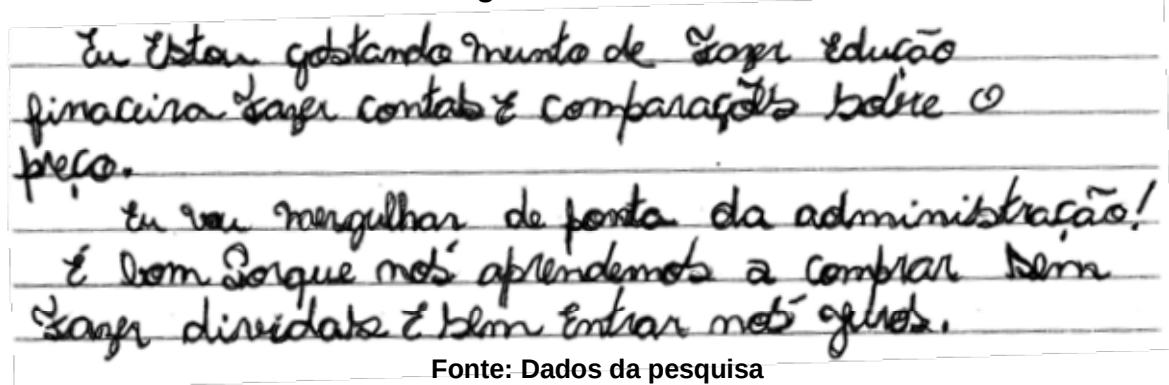
Figura 15 - Aluno K:



Educação financeira é muito importante para a convivência com o mundo. Temos que ter consciência se vale a pena ou não investir em alguma coisa ou não. Eu gosto de aprender a respeito da educação financeira para ter um futuro melhor.

Fonte: Dados da pesquisa

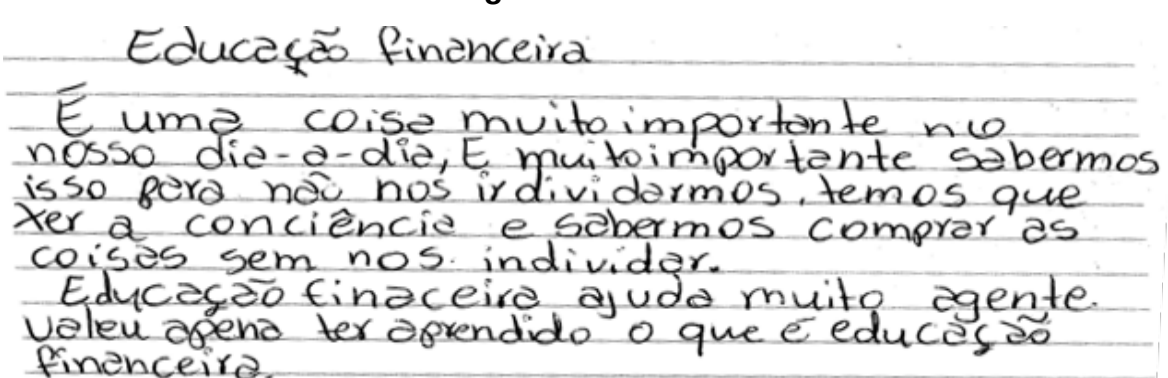
Figura 16 - Aluno L:



Eu estou gostando muito de fazer educação financeira fazer contas e comparações sobre o preço.
Eu vou mergulhar de ponta da administração!
É bom porque nós aprendemos a comprar sem fazer dívidas e bom entrar nos jogos.

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 17 - Aluno M:



Educação Financeira
É uma coisa muito importante no nosso dia-a-dia, É muito importante sabermos isso para não nos ir dividirmos, temos que ter a consciência e sabermos comprar as coisas sem nos dividir.
Educação financeira ajuda muito agente. valeu a pena ter aprendido o que é educação financeira.

Fonte: Dados da pesquisa

Como podemos ver, os alunos mostraram grande satisfação ao terem a oportunidade de conhecer um pouco sobre educação financeira. Para finalizar, agradecemos a todos pela participação e entregamos uma folha com dicas do guia SERASA de orientação ao cidadão: “Primeiros passos para não cair na armadilha da inadimplência” (em anexo). Destacamos a importância de levarem para casa e mostrarem para a família.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as facilidades para aquisição de bens e serviços que o mercado oferece e o grande número de endividados no Brasil, a educação financeira tem como proposta alertar os cidadãos a um consumo mais consciente. Visando a melhoria de vida, não para torná-los ricos, mas para evitar que caiam em crises futuras.

Com a revisão teórica, vimos que vários autores destacam a importância da educação financeira na atualidade, em diversos aspectos, uns defendem sua relevância na família, já outros afirmam que ela deveria ser inserida no currículo escolar ou como tema transversal.

A partir dessas ideias, elaboramos nossa proposta de Trabalho Conclusão de Curso com o objetivo de introduzir a Educação Financeira no processo de ensino e aprendizagem de matemática no 7º ano do ensino fundamental, por meio de uma discussão sobre a relevância do tema, sob a perspectiva de uma abordagem de educação para o consumo.

Durante a aplicação do produto educacional que teve como tema a Educação Financeira associada à Matemática, foram desenvolvidas atividades e discussões, que abordaram a importância de um consumo consciente. Procuramos envolver os sujeitos da pesquisa explorando ao máximo suas opiniões e considerando os conhecimentos prévios que possuíam sobre o assunto.

Através da avaliação, solicitada aos colaboradores, sobre o trabalho desenvolvido, percebemos que o mesmo poderá contribuir para ampliar a compreensão e propiciar a aquisição de novos conhecimentos sobre algo tão importante que nem sempre é tratado na sala de aula ou pela família.

A metodologia qualitativa utilizada neste trabalho baseou-se no modelo de Thomas A. Romberg. Consideramos que foi adequada, pois favoreceu a seleção de estratégias e procedimentos necessários para coleta de dados relevantes na pesquisa.

Diante de todas as considerações apontadas, acreditamos que, mesmo que o currículo escolar não contemple a educação financeira, é possível que o professor de matemática tenha autonomia de abordar o tema em suas aulas.

Respondendo a nossa pergunta de pesquisa *“Como a educação financeira pode contribuir para a tomada de decisões dos alunos do 7º ano do Ensino*

Fundamental?”, acreditamos que um trabalho realizado na sala de aula voltado para conscientizar os alunos na tomada de decisões diante de situações financeiras, pode ser relevante.

REFERÊNCIAS

ALEVATTO, Norma Suely Gomes. **Modelo de Romberg e Percurso Metodológico de uma Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Bolema, Rio Claro (SP), n.29. 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/1721/1500>. Acesso em: 06 set. 2012.

AQUINO, Yara. **Agência Brasil - Proposta em tramitação no Congresso inclui educação financeira no currículo escolar**. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/educacao/2013/05/proposta-em-tramitacao-na-camara-inclui-educacao-financeira-no-curriculo-escolar>. Acesso em: 19 jun. 2013.

ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de. **A escola e o desenvolvimento do pensamento econômico em crianças: uma proposta de avaliação e intervenção** UNICAMP. G-13 Educação Fundamental, 2008. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT13-4246--Int.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2012.

ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de. **Alfabetização econômica: compromisso social na educação das crianças**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

AZEVEDO, Elizabeth Quirino de. **Ensino – Aprendizagem das equações algébricas através da resolução de problemas**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**. Brasília: MEC/SEF, Matemática – Ensino Médio (1999). Brasília, DF.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

BRASIL. **Estratégia Nacional de Educação Financeira – Plano Diretor da ENEF**. 2013a. Disponível em: <http://www.vidaedinheiro.gov.br/Imagens/Plano%20Diretor%20ENEF.pdf>. Acesso em: 06 set. 2013.

BRASIL. **Estratégia Nacional de Educação Financeira – Plano Diretor da ENEF: anexos**. 2013b. Disponível em: <http://www.vidaedinheiro.gov.br/Legislacao/Arquivo/Plano-Diretor-ENEF-anexos-1.pdf>. Acesso em: 06 set. 2013.

CAMPOS, André Bernardo. **Investigando como a educação financeira crítica pode contribuir para tomada de decisões de consumo de jovens-indivíduos-consumidores (JIC'S)**. 2013. Dissertação. Universidade Federal de Juiz de Fora Instituto de Ciências Exatas, Juiz de Fora.

CAMPOS, Marcelo Bergamini. **Educação financeira na matemática do ensino fundamental: uma análise da produção de significados**. 2012. Dissertação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

CASAS BAHIA. **Tablet Phaser Kinno II PC713**. Disponível em: <<http://www.casasbahia.com.br/Tablet-Phaser-Kinno-II-PC713-com-Tela-7-4GB-Camera-Wi-Fi-Suporte-a-Modem-3G-e-Android-4-0-1866688.html>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

CRUZ, Rafael. **Sobre a Estabilidade Financeira do Brasil**. Disponível em: <<http://rendadineiro.com.br/2010/02/27/sobre-a-estabilidade-financeira-do-brasil/>>. Acesso em: 02 set. 2013.

DANTE, Luiz Roberto. **Matemática Volume Único**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 2004.

ECKERMAN, Vânia Mara Pereira. **Resolução de Problemas**. 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1673-8.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 39 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOUVEIA, Simone Aparecida Silva. **Novos caminhos para o ensino e aprendizagem de matemática financeira: construção e aplicação de webquest**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática), Rio Claro.

MARTINS, José Pio. **Educação financeira ao alcance de todos: adquirindo conhecimentos financeiros em linguagem**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2004.

MENDES, Iran Abreu. **Matemática e Investigação em sala de aula**. 2. Ed. rev. e aum. – São Paulo: Livraria da Física, 2009.

MUNDY, Shaun. **Financial Education Programmes in school: Analysis of selected current programmes and literature draft Recommendations for best practices**. OCDE journal: General papers, volume 2008/3. OCDE, 2008.

NEGRI, Ana Lúcia Lemes. **Educação Financeira para o Ensino Médio da rede pública: uma proposta inovadora**. Dissertação de mestrado. Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL – SP), 2010.

OCDE. Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico. **The Importance of Financial Education**. 2006. Disponível em: <<http://www.financial-education.org/dataoecd/8/32/37087833.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2013.

OCDE. **Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico. OECD's Financial Education Project**. Assessoria de Comunicação Social, 2004. Disponível em: <http://www.oecd.org/>. Acesso em: 13 ago. 2013.

OECD. **Better Policies for Better Lives**. Disponível em: <<http://www.oecd.org/>>

about/membersandpartners/>. Acesso em: 13 ago. 2013.

OECD. **Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness**. Directorate for Financial and Enterprise Affairs. Jul. 2005. Disponível em <<http://www.oecd.org>> Acesso em: 13 ago. 2013.

OLIVEIRA, Roger Samuel Onofrillo. **Educação Financeira em sala de aula na perspectiva da etnomatemática**. Graduação em Pedagogia. Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. Bauru, SP, 2007.

PEREIRA, Mariângela. **O Ensino-Aprendizagem de Matemática através da Resolução de Problemas no 3º ciclo do Ensino Fundamental**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, 2004.

SÃO JOÃO EVANGELISTA. Secretaria Municipal de Educação. **Proposta Pedagógica Educação Infantil e Ensino Fundamental**. EMAMC/SJE, 2012.

ROMBERG, Thomas. A. **Perspectivas sobre o Conhecimento e Métodos de Pesquisa**. Boletim de Educação Matemática [On-line] 2007, 20: Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291221869007>>. Acesso em: 04 maio 2013.

SANTOS, Epaminondas Alves dos. **A Matemática Financeira como Alternativa de Contextualização**. Santo Antônio da Platina, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/672-4.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2013.

SERASA. **Gregos já se preocupavam com o assunto**. Disponível em: <<http://www.serasaexperian.com.br/guia/11.htm>>. Acesso em: 15 maio 2013.

SILVA, Amarildo. Melchiades da.; POWELL, Arthur. Belford. **Um Programa de Educação Financeira para a Matemática Escolar da Educação Básica**. In: Encontro Nacional de Educação Matemática; Educação Matemática: Retrospectivas e Perspectivas, 2013, Curitiba, PR.

VIDA E DINHEIRO. **Educação Financeira**. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/Enf/Default.aspx>>. Acesso em: 13 ago. 2013.

VIEIRA, L. C. **A matemática financeira no ensino médio e sua articulação com a cidadania**. Dissertação de Mestrado. Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2010.

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM A PROFESSORA

Escola: _____

Formação profissional: _____

1 – Há quantos anos você leciona? _____

2 – Com qual série ou período você trabalha?

3 – O que você entende sobre Educação Financeira?

4 - A ementa da escola propõe a Educação Financeira?

5 - Em suas aulas de matemática você trabalha com Educação Financeira? Por quê?

6 – Você considera necessário introduzir a Educação Financeira nas aulas de matemática? Justifique.

7 - O que a escola faz para que o ensino de matemática seja eficiente na tomada de decisões dos alunos?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

1 – O que você entende sobre Educação Financeira?

2 – Você acha que a Educação Financeira tem alguma utilidade no seu dia-a-dia? Por quê?

3 – Você recebe algum dinheiro mensalmente?

4 – Se você recebe quem administra seu dinheiro?

5 – Como organiza seus gastos?

6 – Se você for comprar um produto e ao chegar à loja ver que ele está em promoção, você compra apenas o que tinha planejado ou compra mais por estar na promoção?

7 – Quando você pede algo para seus pais e eles dizem que não podem comprar no momento, o que você faz?

APÊNDICE C – MATERIAL DE APOIO: PRIMEIRA ATIVIDADE

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Minas Gerais –
Campus São João Evangelista

Licenciatura em Matemática

Diana Ferreira Rocha Costa

Kamila Costa Santos

Margarida Vitória Costa Silva

Atividades para aplicação da pesquisa do Trabalho de Conclusão de
Curso:

INTRODUÇÃO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA MATEMÁTICA PARA O 7º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL

Nome do aluno: _____

Idade: _____

Escola: _____

Agosto 2013

Apresentação

Caro aluno,

Este material didático foi feito para você, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento do seu raciocínio sobre questões financeiras e colaborar com a sua formação crítica na sociedade. Deixamos atividades e espaços para que você possa fazer anotações.

A partir de pesquisas bibliográficas utilizadas para a constituição do projeto, percebemos a necessidade de inovar as práticas de ensino de Matemática, de modo que discussões e reflexões sobre educação financeira possam ser inseridas nas aulas de matemática.

Por ser um assunto de considerável importância na nossa vida, vamos conhecer um pouco sobre educação financeira e relacionar conceitos de matemática a situações práticas do seu cotidiano, visto que diariamente lidamos com operações de compra, venda, ofertas de cartão crédito, promoções entre outras.

Escrevemos este material com o objetivo de ajudá-lo a compreender melhor o mundo em que vivemos, e acompanhar as frequentes transformações que o molda, principalmente no movimento econômico, tornando-o diferente a cada dia, para poder nele atuar como cidadão consciente.

As autoras.

Contextualização da Educação Financeira

-  Você já observou que alguns panfletos de lojas têm preço à vista mais visível e um outro valor diferente para um mesmo produto? Você sabe por que isso acontece?

-  Você ou seus pais já compraram algo que no caixa tivesse sido pago um valor diferente daquele apontado no produto?

-  Marque as opções financeiras abaixo que você tem acesso:

- () cartões de crédito
- () cheque
- () dinheiro
- () cartões de débito
- () carnê de financiamento
- () nenhuma das alternativas.

-  Como você descreveria a diferença entre cartão de crédito e cartão de débito?

Agora vamos estudar de forma que você seja construtor do seu conhecimento. Observe e analise o produto abaixo e suas formas de pagamento:

Tablet Phaser Kinno II PC713 com Tela 7", 4GB, Câmera, Wi-Fi, Suporte à Modem 3G e Android 4.0 (Cód. Item 1866688) (Cód EAN 7898949568261)



De: R\$ 349,00 Por: R\$299,00 ou 12X de R\$ 24,92 Economia de: R\$ 50,00
Mais vantagem pra você, por R\$ 263,12 , no boleto ou débito online.

Pagamento com Cartão de Crédito

À vista	R\$299,00
2x sem juros	R\$149,50
3x sem juros	R\$99,67
4x sem juros	R\$74,75
5x sem juros	R\$59,80
6x sem juros	R\$49,83
7x sem juros	R\$42,38
8x sem juros	R\$37,38
9x sem juros	R\$33,22
10x sem juros	R\$29,90
11x sem juros	R\$27,18
12x sem juros	R\$24,92

Fonte: adaptada do site das Casas Bahia

 No espaço abaixo relate o que você pôde perceber com a distribuição dos preços:

 Dentre as três opções de pagamento, qual delas você escolheria?

() à vista; () no cartão de crédito; () no boleto ou online.

- Justifique o motivo da opção escolhida e por que você deixou de escolher as outras.

- Se escolhida a possibilidade de pagamento no cartão de crédito, que pode ser em até 12 vezes sem juros, em quantas prestações você dividiria o pagamento? Por quê?

- Na sua opinião, qual a intenção da loja em oferecer o produto à vista e parcelado em até 12 vezes sem juros no cartão de crédito, pelo mesmo preço?

- Você percebe o porquê da diferença entre os preços à vista e no boleto/débito online?

- Você já ouviu falar em taxas de juros? Qual o seu entendimento sobre isso?

📌 Será possível que existam juros embutidos no valor pago à vista dado que o pagamento no boleto é menor?

📌 Apesar do valor no boleto ou por débito online ser menor do que à vista, o que isso implica?

APÊNDICE D – MATERIAL DE APOIO: SEGUNDA ATIVIDADE

ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

NOME DO ALUNO: _____

DATA: _____ SÉRIE: _____ IDADE: _____

Com base no panfleto adquirido, vamos fazer uma análise dos preços de cinco produtos apresentados.

1-Quais produtos você escolheu para a atividade?

2-Por que você escolheu esses produtos?

3- Qual é o preço à vista desses produtos?

4-Se uma pessoa for comprar esses mesmos produtos, parcelados de acordo com o panfleto, qual seria o novo preço?

5- Qual a diferença entre o preço à vista e o preço parcelado?

6-Você saberia nos dizer qual é a porcentagem que representa o valor pago a mais pelo parcelamento?

7-De acordo com seu conhecimento, qual seria a melhor forma de pagamento?

8- Se você decidisse comprar algum dos produtos indicados pelo panfleto, e não tivesse a quantia total a ser paga à vista, o que você faria? Compraria parcelado ou esperaria mais um pouco para completar a quantia?

9- Complete a tabela abaixo:

Análise de preço					
Nome do produto	Preço à vista	Nº de parcelas	Valor de cada parcela	Preço total a prazo	Diferença entre preço à vista e a prazo

APÊNDICE E: FOTOS DA APLICAÇÃO

Imagem 1: Pesquisadoras explicando uma atividade



Fonte: Fotos do Autor

Imagem 2: Estudantes do 7º Ano.



Fonte: Fotos do Autor

Imagem 3: Pesquisadora tirando dúvidas da aluna.



Fonte: Fotos do Autor

Imagem 4: Debate sobre o consumo consciente.



Fonte: Fotos do Autor

ANEXO A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO E COMPROMISSO

Firmam o presente Termo de Autorização e Compromisso, para a realização de atividades de pesquisa com alunos do 7º Ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal “Antônio Medina Cardoso”, Pais ou Responsáveis, Professores e a Direção da Escola, ficando estabelecido:

1) Eu, _____, aluno(a) do 7ºano, estou ciente que participarei das atividades da pesquisa proposta, comprometendo-me executá-las dentro dos padrões da ética e das boas relações humanas. Autorizo o uso e a divulgação acadêmica de fotos e/ ou vídeos relativos à minha imagem.

2) Eu, _____, () Mãe/Pai ou () Responsável, autorizo meu filho(a), participar de atividades da pesquisa proposta denominada “*INTRODUÇÃO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA MATEMÁTICA PARA O 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL*”. Estou ciente da sua participação durante aulas de matemática na Escola Municipal “Antônio Medina Cardoso”, no período de 26 de Agosto à 13 de Setembro de 2013, bem como, autorizo para fins acadêmicos, o uso de sua imagem pessoal.

3) Nós, DIANA FERREIRA ROCHA, KAMILA COSTA SANTOS e MARGARIDA VITÓRIA COSTA SILVA, alunas do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus São João Evangelista, nos comprometemos a realizar a pesquisa baseando-nos na ética e nas boas relações humanas. Comprometemos ainda, zelar pelas produções e imagens dos participantes.

4) Eu, _____, Professora de Matemática dos alunos participantes desta pesquisa, estou ciente e de acordo com a mesma.

5) Eu, _____, Diretor da Escola Municipal “Antônio Medina Cardoso”, estou ciente desta pesquisa no âmbito desta instituição. Autorizo a utilização das dependências internas para os fins da mesma de eventuais imagens e vídeos da estrutura física.

Assim, por estarem cientes, assinam o presente termo.

São João Evangelista, _____ de _____ de 2013.

Aluno (a)

Pais ou responsáveis

Diretor/Carimbo

Professora

Responsáveis pela execução da pesquisa: _____

ANEXO B – DICAS DO GUIA SERASA DE ORIENTAÇÃO AO CIDADÃO

Primeiros passos* para não cair na armadilha da inadimplência

- O primeiro passo é se conscientizar que o dinheiro não é elástico, por isso é importante saber o que é imprescindível e guardar uma parte. Nós somos os responsáveis pelo nosso futuro.
- O segundo é reunir a família. Faça um levantamento de todos os gastos, inclusive com o cafezinho. O casal deve sempre decidir em conjunto onde cortar gastos, quanto guardar e onde pôr o dinheiro.
- O terceiro é traçar objetivos: metas de curto, médio e longo prazos.
- O quarto é abandonar a onda de consumismo (saia de casa com apenas uma folha de cheque na carteira e adquira o hábito de sair de casa com o dinheiro contado).
- O quinto é começar a economizar nas pequenas coisas (dar valor ao dinheiro que ganha com muito suor):
 - Utilizar racionalmente o telefone celular;
 - Trazer o sanduíche de casa;
 - Comprar um aditivo para o carro e abastecê-lo com gasolina comum;
 - Habituar-se a apagar a luz toda vez que sair de um recinto e usar lâmpadas menos potentes em certos ambientes;
 - Fechar bem a torneira para que ela não fique pingando;
 - Diminuir a chama do fogão quando os alimentos começarem a ferver;
 - No verão, colocar o chuveiro elétrico na posição "Verão";
 - Pesquisar preços antes de comprar qualquer produto. Não ter vergonha de sair da loja e comprar no vizinho que é mais barato;
 - Ficar atento aos preços das tarifas públicas, como água e luz, que têm sofrido reajustes elevados.
- O sexto é não avançar no limite do cheque especial – já que as taxas de juros são elevadas. É bom não esquecer que esse limite não é um salário a mais. Tentar diminuir gradativamente o endividamento e só comprar à vista.
 - Cheque pré-datado: ao utilizá-lo, faça constar do pedido ou da nota fiscal os números dos cheques pré-datados e as datas previstas para os descontos.
 - Os valores deverão fazer parte do orçamento do consumidor.
- O sétimo é não parcelar as compras no cartão de crédito, para não arcar com juros de cerca de 8% e 9% ao mês, respectivamente, ou taxas de 152% a 181% ao ano.
- Cartão de crédito: o controle das despesas realizadas com cartão exige cuidados. O consumidor deve verificar a conveniência de ter mais de um cartão (alguns consultores são contra ter mais de um), não se esquecendo de incluir, nas despesas, as anuidades. Convém o pagamento integral da fatura. Os juros cobrados no parcelamento são elevados.
- O oitavo é cortar supérfluos.
- O nono é elaborar um orçamento doméstico.
- O décimo é fazer uma pequena reserva no fim do mês, que irá se multiplicar nos meses seguintes, se você tomar gosto pelo hábito da poupança. Um cofrinho em casa é um começo. Tenha sempre como reserva o valor equivalente ao de um salário na conta corrente. Poupar vai aumentar sua auto-estima.
- Não há fórmula mágica para melhorar de vida. As pessoas de baixa renda devem buscar serviços extras, aproveitando seu tempo livre ao máximo.

Fonte: Guia SERASA de orientação ao cidadão.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.